

Universidade estadual paulista "JULIO DE MESQUITA FILHO"

Faculdade de Ciências e Letras

Campus Araraquara - SP

JOSE FRANCISCO NAVAS

SOBRE O ESQUECIMENTO

ARARAQUARA- S.P.

2014

JOSE FRANCISCO NAVAS

SOBRE O ESQUECIMENTO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unes/ Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Escolar.

Linha de pesquisa : Estudos Históricos, Filosóficos e Antropológicos sobre Escola e Cultura.

Orientador: Denis Domeneghetti Badia

Araraquara –S.P.

2014

JOSE FRANCISCO NAVAS

SOBRE O ESQUECIMENTO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unes/ Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Escolar.

Linha de pesquisa : Estudos Historicos, Filosoficos e Antropologicos sobre Escola e Cultura.

Orientador: Denis Domenegheti Abbadia

Data da defesa : ___/___/_____

MEMBROS COMPONENTES DA BANACA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador : Prof. Dr. DENIS DOMENEGUETTI BADIA

Universidade Estadual Paulista – UNESP

Membro Titular : Prof. Dr. Ricardo Ribeiro

Universidade Estadual Paulista – UNESP

Membro Titular : Dr. Alexander de Freitas

Local : Universidade Estadual Paulista

Faculdade de Ciências e Letras

UNESP- Campus de Araraquara

Aos que souberam entender o fundo do mundo.

RESUMO

Esta dissertação tem por sentido a investigação da idéia do esquecimento dentro da filosofia da diferença. Para tanto, toma como referencial as proposições elaboradas por Deleuze como também seus pares dentro do escopo educativo , questionando-se se valeria a pena uma educação para o esquecimento, ou até mesmo se a filosofia da diferença se sustentaria através de uma territorialização do esquecer.

Palavras-chave: Filosofia da Diferença, Esquecimento, Educação

ABSTRACT

This dissertation research is towards the idea of forgetting within the philosophy of difference. To do so, taking as reference the propositions elaborated by Deleuze as well as their peers within the educational scope, it wonders if it would be worth an education into oblivion, or even if the philosophy of difference sustain itself through a territorialization of forgetting.

Keywords: Philosophy of Difference, Oblivion, Education

SUMARIO

Introdução.....	7
1.Do se fazer educação.....	16
1.1 Pequena nota sobre a didática magna.....	16
1.2 Atos nômades em prol de uma <i>ciência</i> do esquecimento...20	
2. Filosofia da diferença.....	30
2.1 ou como adquirir vida através da arte.....	30
2.2 O caráter incorporal do plano do acontecimento: ferro em brasa.....	41
3. Esquecimento.....	46
3.1 Existe sabedoria na amnésia?.....	46
3.2 Fluxos intensos: sobrevivência através do pensar esquecido.....	53
3.3 O perspectivismo como terretorialização.....	58
3.4 O próprio conceito para existir se esquece	65
4. Para não esquecer.....	84
Referências.....	87
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	90

Introdução

Nós habitamos ,pois, essas cavidades, embora não notemos: cremos que estamos a morar na superfície superior da Terra , da mesma forma como acreditaria morar na superfície do oceano aquele que habitasse o seu fundo, pois, vendo o sol e os demais astros através da água , haveria de tomar o oceano por um céu.Sua indolência e fraqueza jamais lhe permitiria vir à flor do mar , nem uma vez emerso da água e volvida a cabeça na direção desses lugares , ver como são mais puros e mais belos que os outros , sobre os quais aliás ninguém o poderia informar, por jamais tê-los visto. É mais u menos a mesma coisa o que sucede a nós. Morando num buraco da Terra, acreditamos estar em sua superfície exterior e damos ao ar o nome do céu, como se os astros de fato planassem no ar , nosso céu. O caso é bem o mesmo : por fraqueza e indolência estamos impossibilitados de subir até o ar superior. Se alguém escalasse a parte superior da Terra , ou voasse com asas , esse alguém haveria de contemplar o que existe por lá , e se sua natureza fosse bastante forte para lhe permitir uma observação prolongada , verificaria que aqueles é que são o céu verdadeiro , a luz verdadeira , e a Terra verdadeira - assim como os peixes , que sobem do mar , vêem o que há em nossa Terra!¹

Percebe-se dentro do campo acadêmico certo sedentarismo, mesmo diante de inúmeras maneiras de se escutar e dar voz ao objeto de estudo. A lógica de pensamento é retrospectiva. Tende sempre a lançar para o passado, como possibilidade, as realidades atuais.

¹ PLATÃO,*Fédon*, *Os pensadores* p. 109

Diante de tantos ataques , proteções , objetivações e subjetivações como podemos alcançar um descaminho algo novo que supere o já dado. Transformar poemas em formas legítimas de fazer ciências, porque não? O método deve se demonstrar mais como um processo de codificação , tomando a idéia não como saber constituído, terminado , mas sim ligada ao sentimento do infinito, um eterno por vir. Encarar os dogmas , através das transversalidades propostas pelo método . Buscar a rigidez e a uniformidade sem perder o caráter sensível que o trato com a realidade nos proporciona.

Articular o pensamento e a vida , o devir a uma nova concepção de história , conceber os encontros nem sempre amigáveis , que irão brotar . Deixar eclodir o novo. A negação do plano representacional proposto pelo pensamento hegemônico nos propicia novas interpretações acerca de dados tidos como invariáveis , sujeitos pré-formados , objetivações , territorializações e estratificações.

Ter ciência do prazer que pode emergir do sofrimento , das dúvidas e obstáculos. Desenvolver a sutileza do método para efetivar –se uma interpretação bruta da existência efetiva , ao invés de um jogo razoável de significações de objeto , representações de sujeito e configurações de códigos.

Nesse sentido, a individuação torna-se um problema, já que partindo de espaço pré-individual , não submetido a modelos e fora de uma idéia de representação , as intensidades heterogêneas passam a se comunicar não mais por correspondência ou uma identificação mútua, mas sim pela relação complexa entre os heterogêneos. Por sua vez seria possível uma organização das

intensidades , as series de paradoxos que as mesmas formam , as ressonâncias internas , os movimentos forçados e etc?²

De forma implacável, a manifestação do problema que temos em mãos se apresenta com a seguinte pergunta: afinal como damos movimento ao pensamento?

Dentro da epistemologia moderna , o iluminismo nutre a esperança de uma relação de caráter privilegiado do sujeito para com o seu objeto, límpida , a partir do qual possa se explicar o caos do mundo e se possa chegar a tão gloriosa verdade. O caráter de emancipação que o conhecimento nos apresenta , está fundado dentro da perspectiva de que um dia o encontro entre homem e verdade balizado pela razão . Para o contexto educacional , tal determinante nos traz dois tipos de reflexões : a crença em um sujeito de caráter ontológico, uma consciência que se enraíza na razão , e também uma verdade como fim ultimo , alcançado pelo esclarecimento advindo da educação da razão. Para Nietzsche :

O que consegui então aprender , algo terrível e perigoso, um problema com chifres, não necessariamente um touro, por certo , em todo o caso um novo problema : hoje eu diria que foi o problema da ciência mesma - a ciência entendida pela primeira vez como problemática , como questionável . - pois o problema da ciência não pode ser reconhecido no terreno da ciência .³

Amparados neste argumento, podemos indagar em relação a toda a arbitrariedade proveniente do discurso moderno , da busca do conhecimento até então realizado pela ciência. Fruto germinado da percepção proposta por uma cultura ocidental que não exige uma atenção própria ao processo no qual decorre as valorizações da verdade, cria-se aqui uma miragem que se relaciona a noção de

² Referencias a idéia de antropologia simétrica por exemplo.

³ NIETZSCHE, F. *O nascimento da tragédia* . p. 14-15.

certeza amparada pela finalidade do método empregado. O movimento do pensamento se daria aqui na medida em que não encaramos como satisfatório sustentar que a liberdade nos liberta, é necessário dizer para que nos faz livres.

A eficácia do conhecimento para com os agenciamentos por ele realizado detém uma relativa importância, e ainda nos mostram como podemos realizar esse movimento no pensar. Inverter a própria relação do sujeito para com o objeto, negando-se a segurança proposta pela razão, transformar o próprio pensamento em sujeito da criação, tornando o impensado uma possibilidade, um estranhamento, logo movimento.

Cada sujeito exprime o mundo de um certo ponto de vista. Mas o ponto de vista, é a própria diferença, a diferença interna absoluta. Cada sujeito exprime, pois, um mundo absolutamente diferente. E sem dúvida, o mundo expresso não existe fora do sujeito que o exprime (o que chamamos de mundo exterior é somente a projeção ilusória, o limite uniformizante de todos esses mundos expressos). Mas o mundo expresso não se confunde com o sujeito: dele se distingue exatamente como a essência se distingue da existência e inclusive da sua própria existência. Ele não existe fora do sujeito que o exprime, mas é expresso como a essência, não do próprio sujeito, mas do Ser, ou da região do Ser que se revela ao sujeito. Razão pela qual cada essência é uma pátria, um país; ela não se reduz a um estado psicológico, nem a uma subjetividade psicológica, nem mesmo a uma forma qualquer de subjetividade superior. A essência é a qualidade última do âmago do sujeito, mas esta qualidade é mais profunda do que o sujeito, é de outra ordem: "Qualidade desconhecida de um mundo único". Não é o sujeito que explica a essência, é, antes, a

essência que se implica , se envolve , se enrola no sujeito" ⁴

Dentro da concepção dos métodos caracterizados por uma ideia de representação, a diferença ao pensar a si mesma é tomada como algo que se relaciona , algo que extrapola as características do previsível . Por esse viés, as características sempre irão partir de um ponto referencial , e por ele podemos concluir que a própria diferença se instaura por nivelações de distanciamento e aproximação com o ponto referencial que é pré-configurado. Esta pré-configuração já é dada dentro da conceitualização , sem extrapola-la . A diferença , então, resulta de um sistema caracterizado pelo caráter de oposição e binarização.

O platonismo é o ópio dos fracos . E é por isso que ele só pode conceber o pensamento sob o signo de uma parada, como o contrario de uma viagem . Há dizem -nos a grande vaga das " opiniões", a flutuação da dúvida - depois o advento do saber , isto é , do repouso , que suprime o mal -estar.

[Sem agitação , e nenhum sofrimento , pois não deve/pode haver a fricção do movimento em qualquer velocidade , em pensamento .]

Pensar é encontrar a calma . Insensatos que acreditais que " tudo se move"; poderíamos sequer falar , poderíamos viver, meu caro Teeteto , se essa gente tivesse razão? ...

[em seus diálogos, Platão não encontra jamais quem queira ou possa retrucá-lo; mas consertemos o mundo ao nosso modo .]

- Insensatos , replica Nietzsche , que pretendeis que tudo se imobilize.⁵

Por uma ótica totalmente diferenciada, no plano da formulação de conceitos , a Filosofia da Diferença , aqui incluo junto à Deleuze

⁴ DELEUZE, G. Proust e os Signos , p.43

⁵ LEBRUN, G, *Por que ler Nietzsche* , hoje . p. 34

também Foucault, propõe uma liberação da diferença por parte desse pensamento pré-configurado . Pensamento que irá buscar a não dialética , não contradição , não negação e chegar a um pensamento a - categorizado sem adestramentos e conduções,oposto ao molde escolar que exige a resposta pronta, na medida em que foca seu escopo em problemas insolúveis permeados pela multiplicidade não confinada , máquina de guerra que combate pela sua ultrapassagem . Não tem-se mais como refletir a partir deste ponto, o que nos resta é diferir.

Assim ao lado da construção de " espaços interiores" próprios à mediação, à confissão , encontramos " itinerários intelectuais ", lugares de dialogo consigo mesmo , a exemplo daquele que conduz Marco Aurélio no que ele designa explicitamente como " Pensamentos para mim mesmo " . Por outro lado , Em Stirner , Kierkegaard e Nietzsche , a hipertrofia subjetiva toma a forma da invectiva , do jogo pseudonímico ou do delírio megalômano . Ora , todas essas formas ligam de uma maneira original o modo de desenvolvimento da reflexão e o estatuto concedido aos conceitos ou à crítica do uso dos conceitos .⁶

A grande maioria dos discursos praticados dentro da idéia de educação moderna acredita não se caracterizar por operações que são ligadas à criação de subjetividade, por essa concepção, tais personagens se limitam a se portar como mediadores na trajetória formativa do individuo , ou transmissores de conhecimentos de caráter objetivos , ambos indispensáveis para a realização do bom homem .

De um lado ,precisa levar o estudante a desenvolver sua inteligência , para

⁶ COSSUTA , F. *Elementos para a leitura os textos filosóficos* . p. 23

dominar bem o exercício do conhecimento e , de outro , a desenvolver outras formas de sensibilidade , a desenvolver sua subjetividade em toda gama de sensibilidades que constituem : a inteligência, a consciência ética , a consciência estética , a consciência social. É toda esta esfera do exercício da dimensão subjetiva da pessoa que nos tornam efetivamente humanos . [...]. Sem a vivência subjetiva , continuamos como qualquer outro ser vivo puramente natural , regido por leis pré-determinadas, vale dizer , sem possibilidades de escolhas , sem reflexibilidade no comportamento.⁷

O paradigma da ciência moderna por sua vez , objetiva leis universais alicerçadas pelo ideal de cientificidade , resta uma educação de caráter determinista para as relações institucionais como para a própria produção de conhecimento como já foi debatido . Especialização e o caráter racional da organização do pensamento trazem o progresso , linearidade , finalidade , representação das verdades características do pressuposto moderno, narrativas unificadas de caráter macropolítico, diante de territórios demarcados. Como abrir espaço para uma proliferação de unidades constituídas pelo recorte de sujeitos?

O desafio está justamente em afirmar esse novo espaço do aprender como ato de criação subjetiva , livre de obstáculos entre o individuo e o saber, proporcionando tanto a um quanto ao outro ter ciência da sua situação diante do processo, de maneira singular.

Não ser inocente a ponto de lutar contra um tipo de dominação é o alerta que Foucault nos apresenta, não se trata aqui de construir modelos e buscar soluções de caráter universal, mas:

⁷ SEVERINO, A. *A filosofia na formação do jovem e a resignificação de sua experiência existencial* . p. 185,

A humanidade não progride lentamente , de combate em combate , até uma reciprocidade universal , em que as regras substituíram para sempre a guerra ; ela instala cada uma de suas violências em um sistema de regras , e prossegue assim de dominação em dominação.

É justamente a regra que permite que seja feita violência à violência e que uma outra dominação possa dobrar aqueles que dominam . Em si mesmas as regras são vazias , violentas , não finalizadas ; elas são feitas para servir a isto ou àquilo; elas podem ser burladas ao saber da vontade de uns ou de outros . O grande jogo da historia será de quem se apoderar das regras , de quem tomar lugar daqueles que as utilizam , de quem se disfarçar para pervertê-las, utilizá-las ao inverso e voltá-las contra aqueles que as tinham imposto ; de quem , se introduzindo no aparelho complexo , o fizer funcionar de tal modo que os dominadores encontrar-se-ão dominados por suas próprias regras. ⁸

⁸ FOUCAULT, M. *Nietzsche , a genealogia e a historia* . p. 26.

1. DO SE FAZER EDUCAÇÃO

1.1 pequena nota sobre a didática magna.

Tomemos como ponto de partida o ato de perspectivar a infância no que tange a sua construção subjetiva praticada na Didática Magna. Comenius , faz do niilismo o pilar para a vinda de uma infância investida pela reatividade , calcada não mais em valores da infância como característica singular e significativa de uma cosmologia , mas dotando de sentido o existir à partir da ética e moral de um mundo adulto. Por uma interpretação que muitas vezes pode ser fantasiada como progressista e fundante, a Didática Magna revela a suas verdadeiras facetas a partir do ponto em que é demonstrado o ressentimento , a consciência má, o próprio ideal ascético , circunscritos em toda a modernidade.

Objetivista por essência, Comenius produz uma aprendizagem de caráter pratico de maneira tal que o ensino pode ser estendido para tudo e a todos e finalista por consequência , porque atrela ao sistema escolar uma gama enorme de regularidades , tendo como finalidade formar os homens para Deus .

Penso que por um momento deveríamos exercitar um certo *esquecimento* em torno das idéias propostas por uma pedagogia Comeniana.

Experimentemos tratar a criança como um palco no qual inúmeras forças se apresentam. Se possível nomear os bastidores , a fachada e o próprio palco no qual essas forças interagem. Ao final desse experimento, percebe-se que tal movimento de interpretação por parte do observador é insipiente, de nada resulta a nomeação, categorização dessas forças.

Como professores do esquecimento, porque não ? Seria interessante provocar em cada momento a peça que está por ser apresentada, ciente de que cada espécie de força está ausente na outra fato esse que as torna desiguais no interior do roteiro que possibilita agora, que todas possam atuar de modo coexistido ao se diferenciar.

Perspectivar é esquecer. Por uma interpretação Nietzscheana através de um escopo perspectivo , a vitória do niilismo dentro da Didática Magna(assim como em toda cultura moderna) se apropria da negação da vida , se concretizando em uma vontade do nada, apego ao nada, medo de não se lembrar.

Ao analisar criticamente tanto objetivismo e finalismo demandam um esforço combativo, ambos estão atrelados a um sistema racional do pensar advindo do platonismo, justifica -se tal empreitada devido aos desdobramentos irradiados por essa linha de raciocínio, ou seja ,de um lado ciência como a religião agem através de uma vontade de verdade como dito anteriormente, a mesma vontade que cria a imobilização estruturada através das idéias de Comenius.

A estagnação , repetição do mesmo , falta de paixão pela vida impossibilidade do ato criativo, ineficácia dos métodos e processos educacionais , não estariam relacionados a constante historização, por consequência o ideal de progresso? Ao se acreditar numa história da infância , propomos uma submissão em relação ao mundo adulto , decretamos fundações , pontos iniciais , características e a eterna dependência em relação a produção e consumo . Deixamos de encarar a infância como aquilo de mais essencial, a possibilidade de nos apresentar o novo, a infância se torna um estágio, mentira que é solucionada no final do processo através da luz da razão.

Não há ,portanto, no conhecimento uma adequação ao objeto a ser conhecido, mas uma relação de distancia e de dominação.Não há no conhecimento algo como amor e felicidade , mas ódio e hostilidade. Na racionalidade iluminista " a felicidade", diz Adorno ,, " é uma ciência esquecida (Minima moralia).⁹

Dentro da infância moderna proposta por Comenius , é lançado um verdadeiro compendio das forças reativas , já que nada de novo parece surgir na própria existência da infância. O historicismo traz consigo a repetição do que já foi dito e visto dentro de uma ética salvacionista . Arte do controlar o individual infantil , juntamente com suas manifestações , pedagogia tomada como técnica , dominada pelos adultos detentores do método .

Focault já nos indagava:

Crê-se facilmente que o homem se libertou de si desde que descobriu que não se encontrava nem no centro da criação , nem no meio do espaço , nem talvez no cimo e no fim derradeiro da vida; mas se o homem já não é o soberano do reino do mundo , se já não reina no seio do ser, então as ciências humanas são perigosos intermediários no espaço do saber .¹⁰

"Perigosos intermediários no espaço do saber" é o que Foucault vem colocar ao tratar das ciências humanas, interpreto-as como potencias de esquecimento, nos atentam ao caráter efêmero e volátil da vida.

A superação das dicotomias, tempo- espaço, diacronia –sincronia , estruturação – dinamismo como realizadoras de fronteiras nos abre para o caráter impar da vida, ativa-se os saberes locais, fluxo

⁹ MATOS, Olgaia C.F. *A escola de Frankfurt : luzes e sombras do Iluminismo* p.34

¹⁰ FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas* . p. 50

descontínuo , de conceitos desqualificados.. Não sejamos ingênuos em exigir uma ciência mais exata , mas sim uma anti - ciência no sentido de criação de saberes que não se permitem centralizar.

1.2 Atos nômades em prol de uma *ciência* do esquecimento.

Sabemos qual linha de fuga queremos nos saciar , ou seja , buscar o instável , o diferenciado , perene , inconstante, ocupando-se do espaço sem medi-lo , deixar-se subverter-se pelo movimento alimentado pela busca das singularidades que não se presta a descobrir uma forma mas esquecê-la ; quando escapamos à força gravitacional imposta pela ciência do Estado, entramos num processo multicomponencial , fluxo e descontínuo , onde justamente nos infinitos cruzamentos nos damos conta dos corpos. Aqui o que se pretende é filosofar, traçar planos , inventar personagens , criar conceitos, porque não?. Tanto a filosofia como o infante possuem traços comuns, justo por esses traços é que nos deixamos contaminar. Ambos resistem a contaminação do esquadramento do mundo por intermédio das representações e referentes. Sobrevoam a segmentarização da vida devido as asas obtidas pela sua potencia da criação da diferença.

Ousado, mas ao mesmo tempo instigante, Deleuze criticamente nos demonstra que filosofar é criar rizomas no pensamento , o devir – filosófico advém da superação da historia da filosofia , ou seja , esquecer de contemplar o eterno para nos atentarmos para a problemática dos nossos devires atuais. Encerrar de vez a veneração para o nascimento de uma estética:

Num monumento grego ou cristão , originalmente tudo tinha significação e isso por referência a uma ordem superior das coisas : essa atmosfera de significação inesgotável envolvia o monumento como um véu mágico . A beleza entrava acessoriamente no sistema , mas sem prejudicar em sua essência o sentimento fundamental de

uma realidade sublime e inquietante, consagrada pela presença divina e pela magia : a beleza quando muito temperava o horror - mas este horror sempre estava pressuposto .- Em que consiste para nós , agora , a beleza de um monumento ? No que é um belo rosto de mulher sem espírito: numa espécie de máscara.¹¹

Devires atuais que apontam para um processo valorativo dentro da nossa sociedade que mediante o Significante, cala as infinitas línguas menores e das expressões parciais e uma idéia de Ser que nos aprisiona e nos torna ignorantes à beleza da multiplicidade dos universos valorativos. Tais referencias, estudados por Deleuze como Guatarri em conjunto, corroboram para constituição de subjetividades capitalísticas , produtoras de fluxos que perpassam todas as sociedades, de maneira independente ao seu modo de produção.

Deixemos a educação de lado e olhemos a nossa volta. O "capital", em sua imanência , capta os diferentes tipos de existência , circunscrevendo uma lógica baseada no referente , nas ideias de identidade ,semelhança , padronização compondo territórios pelo meio da desterritorialização e reterritorialização. Territórios que correspondem ao referencial de um padrão , permeado por uma subjetividade enclausurada em si mesma, a mesma que através do domínio do signo investe na sujeição , formam-se os modelos , estereótipos ; linha de montagem homogeneizante na qual diferenciações são distribuídas em identidades , etnias e sexo. Percebe-se como esses movimentos se assemelham em quase sua totalidade aos apresentados por Comenius.

Guatarri nos revela que representação e identificação são componentes que não se separam, terminam por fechar-se em territorializações que tendenciam para um imobilismo pois

¹¹ NIETZSCHE, F. Humano, demasiado humano p. 218

agencia -se pelo equivalente , no momento em que é elencado um referencial que autoriza a centralização sobre si por parte das sobrecodificações.

Novamente no plano da educação a fronteira que divide o adulto da criança , é derivada de mecanismos disciplinares , que orientam-se para uma ideia de subjetividade pertencente a produção. No limite do território existencial da infância , cada vez mais podemos observar tecnologias sutis que enquadram a infância nos padrões de subjetivação hegemônico , de certa maneira se sujeitando a representação e acomodação a novos valores. Fugas do desejo, são condicionadas de maneira sistemática pelas recodificações da família , da escola , da medicina , do esporte e etc. Especialidades ligadas a educação , psicologia , mídia e direito , contribuem para criação de estereótipos.

Por que então estudar o campo da educação em específico? Acredito que a educação se coloca como representante de um plano de imanência , lugar ocupado pelas formações de conceito e pelos acontecimentos ; como uma trama se entrelaçam linhas diagramáticas como também intensivas , desenvolvendo territórios e realizando movimentos que colocam a prova a consistência do sujeito.

Registros são produzidos , planos de fuga são traçados em prol da polivocidade pertencente não só a criança , mas seus parentes , amigos , vizinhos , irmãos , avós , e pais , saberes são transmitidos de maneiras diferentes ,sem a possibilidade de analisar todas as proveniências causadoras da descontinuidade agenciadora que possibilita a atualização dos conceitos.

Vale a pena retomar a idéia de que:

o homem , desde que pensa , desvenda-se a seus próprios olhos apenas sob a forma de um ser que já é - numa

espessura necessariamente subjacente ,
numa irreduzível anterioridade - um vivo
, um instrumento de produção , um
veículo para palavras que a ele
preexistem.¹²

A escola como instituição se revela produtora de reterritorializações mediante a produção do currículo moderno e disciplinalizante, esta mesma disciplina que Foucault salienta como distribuidora dos indivíduos tanto no espaço como no tempo , que associa técnicas de poderes capaz de atrelar forças para a máxima eficiência do aparelho , normaliza os indivíduos, possibilita a distribuição dos saberes e por fim delimita composições do pensamento como matéria curricular; há uma segregação , diferenciação de conhecimentos , em certa medida nos acorrentamos :

...ao louco o homem e sua verdade .
Desde esse dia , o homem tem acesso a
si mesmo enquanto ser verdadeiro ; mas
esse ser verdadeiro somente lhe é dado
sob a forma da alienação [...] o homem ,
hoje em dia , só tem verdade pelo
enigma do louco que ele não é .¹³

Por vezes , para não dizer todas , tramas avizinham-se dos processos valorativos transcendentais, desestabilizadores por consequência rearranjam os normas estatutárias e hierarquizações; processo que acelera ou diminui as desterritorializações. Tal escopo interpretativo nos mostra a dificuldade em se definir territórios existenciais , pois como na arte , cada desempenho com a sua concretude tem por essência a inovação , capaz de conceber diferentes perspectivas, sem que o próprio artista possa ser capaz de salvaguardar o fundamento teórico – metodológico que empregou. Ressalto que a arte consegue inquirir cada vez mais a

¹² FOCAULT , M. *As palavras e as coisas* p. 408

¹³ FOCAULT, M. *Historia da Loucura* p. 456

nossa vida, nos fazer sumir diante do precipício do percebido ou subpercebido, ao invés de simplesmente nos mostrar outros mundos possíveis. O segredo que se revela dentro da nova concepção de arte contemporânea é que a mesma faz com que se conquiste o imaginário que está ao alcance de cada um, tal pensamento é de uma potencia sem precedentes.

Tanto Deleuze como Guatarri nos atentam para a busca da criação e não mais a verdade por parte do pensamento. Porém para criar é necessário esquecer. Tanto movimentos territorializantes como desterritorializantes se constituem pelo plano do devir de maneira simultânea , trajetórias complexas são expostas , intercepções , desvios , conexões , capturas e rearranjos em novos conceitos . Assim o currículo em estado de devir , não respeita dicotomias, estereótipos . A busca de uma noção de cidadania, nada mais do que um programa de exercícios de deveres e direitos, por meio de investidas na subjetividade, já que são sobrepostas tipos-ideais de identidades e representações. O currículo é empobrecido, já que não passa mais do que a simples busca de resultados e desempenhos.

A formula é simples : o currículo , dentro do plano da educação, delimita os territórios de identidades se valendo da padronização e reconhecimento sustentados pela idéia de representação, analogias, similitudes , igualdades , operando por sua vez na criação de identidades e contribuindo para uma subordinação subjetiva através da sujeição. Foucault pensa a disciplina como peça necessária do mecanismo de distribuição dos indivíduos dentro de um espaço tempo , corresponde a uma tecnologia de imposição que é capaz de agenciar forças para uma maquina eficiente . Para além da simples normatização dos indivíduos , a disciplina redistribui os saberes , delimita territórios para o conhecimento em conteúdos do currículo, segregando e

hierarquizando toda uma forma que é um composto de relações de força, porém :

Estando dadas forças, perguntar-se-á então primeiramente com que forças de fora elas entram em relação e , em seguida , qual forma resultante . Consideram - se forças no homem : forças de imaginar , de recordar , de conceber , de querer .. Objeter-se-á que tais forças supõem , já o homem ; mas não é verdade , como forma . As forças , no homem , supõem apenas lugares , pontos de aplicação , uma região do existente.[...] Pode-se já prever que as forças , no homem , não entram necessariamente na composição de uma forma- Homem , mas podem investir-se de outra maneira , num outro composto , numa outra forma : mesmo se considerarmos um curto período , o Homem não existiu sempre , e não existirá para sempre.¹⁴

Valores universais advindos dos crentes na existência perpetua da razão, sobrepõem e recodificam o plano do acontecimento em ações pedagógicas pré-determinadas e normativas, porém esqueceram de levar em conta o dom do ser humano de poder simplesmente esquecer-se. Diante do esquecimento o que nos resta? Resta-nos apelar para o devir - nômade do currículo , maquina de guerra que desfigura o plano - da -educação , torna-o uma paisagem em movimento , provisório o currículo - nômade é constituído por forças intensivas e extensivas , que diferenciam-se nas suas posições mediante movimentos infinitos do pensar , constituem - se a cada superfície e volume , proliferam-se , para adquirir consistência. O nomadismo curricular aqui proposto, é entendido como linha de fuga, de desterritorialização, ato somente

¹⁴ DELEUZE, G. Sobre a morte do homem e o super -homem in : DELEUZE, Gilles. Foucault. 2º ed. 2ºreimp. Buenos Aires: Paidós, 2008. p. 132

possibilitado após um incessante esquecimento. A subjetividade nômade, com sua máquina de guerra, gera oposição à subjetividade déspota, com sua maquinaria administrativa. Rearranjo de forças que geram a linha de fuga , viagens intensas , nomadizações que escapam dos códigos . O currículo dotado de desterritorialização , quebrando com a lógica de subjulgação dos saberes locais a um senso comum. Dentro da escola a funcionalidade e a boa orientação são deixadas de lado , já que a afirmação das multiplicidades que não são subordinadas à noção de produtividade e ao projeto pedagógico são incorporadas. Por mais dificultoso que seja para os adeptos da noção de representação , não há uma compromisso com uma aprendizagem para a apreensão do conhecimento , assim , não há orientação , nem intencionalidade pedagogizante. Com Nietzsche:

Olhando mais de perto , o que é o homem de ciência? Antes de mais nada uma espécie de homem sem nobreza , isto é , não dominante , não exercendo a autoridade , e nem mesmo suficiente a si mesmo , possui a laboriosidade , a paciência de classificar e ordenar as coisas , o senso da regularidade e da medida nas suas faculdades e necessidades , o instinto próprio de seus pares , as necessidades idênticas a de seus pares, por exemplo , daquele tanto de independência , daquela quantidade de pastagem verde , sem o que um trabalho tranqüilo parece impossível , duma certa pretensão às honras e à consideração (que sobretudo supõe que se reconheçam seus méritos e que é capaz de fazer reconhecer), este raio de sol da fama , esta constante ratificação do próprio valor , da própria utilidade, para poder domar a desconfiança interna , congênita a todos os homem dependentes e agregados.¹⁵

¹⁵ NIETZSCHE, F. Além do bem e do mal .p.. 135

A potencialidade do caráter transversal dos agenciamentos , a miscigenação dos elementos de diferentes escopos referenciais , acabam por proporcionar novos conceitos, que se distendem em atos com sentidos variados, desdobram-se em rede de maneira infinita. Cada processo singular é criativo , pois se contrapõe às normatividades institucionais , cognitivas, pedagógicas e produtivistas , que possuem objetivos específicos . Essa possibilidade de ser contra acaba por gerar novas ordens que rearranjam os códigos , elementos , as matérias expressivas , percorrendo universalidades referenciais e reinventando modos de se existir que não são passíveis de comparação.

No currículo - nômade , a diferença é exaltada justamente por não necessitar de critérios de igualdade , comparação , porém não se constitui como negação, pois a diferença explicada pela diferença , não pode ser mensurada , já que critérios avaliativos desaparecem, que os defensores da ciência magna possam criticar tal perspectiva é quase que uma certeza , porém defendo aqui o uso do esquecimento como uma meta- método, ou seja , ato que não se ignora ou expurga mas que apenas está, assim como sempre estará no escopo interpretativo de qualquer ser que se proponha a experimentar o mundo.

O processo produtivo que o currículo - nômade estabelece desconecta-se desse sistema instituído de valores , representa um desvio do trabalho pedagógico , mutante, não criando fixação em um trajeto . O anterior do percurso é substituído pelo processo , o percurso é marcado no processo, assim há impossibilidade de colocá-lo em um projeto.

Rizomático é o currículo - nômade , sem unificação principal , abstém-se de uma raiz principal que perpassa a imagem do pensamento. Entre as conexões das raízes ocorrem os transbordamentos. Interessante é notar que cada ponto deste

currículo - rizomático , é passível de conexões, se remetendo a todo momento uns aos outros . Entradas múltiplas , sem começo e conclusão tangenciando pelo meio.

Em contrapartida currículo- programático se caracteriza pelo seu caráter arborescente, girando em torno do seu ponto de origem , central, intuído por uma evolução, não esquece jamais. Sistemas centrados estabelecem comunicações hierárquicas e ligações anteriormente estabelecidas, denotando um sentido histórico, abre para a constituição de uma memória. A produção de conhecimento busca assim um início , uma fundamentação , alcançada dentro de um processo metódico e pedagógico.

Com o intuito de enriquecer o imaginário do plano interpretativo vale lembrar de quais tipos de linha estamos tratando : os segmentos , que ligam dois pontos distintos, proporcionam a criação de máquinas binárias, que se incumbem da estratificação dos conceitos; linhas segmentarias implicam em dispositivos que acabam por fixar códigos e territorialidades. Já as linhas rizomáticas, constroem multiplicidades, se metamorfoseiam e se apresentam assim por serem lineamentos e não linearidades, colocados no caos, que:

... com efeito, é menos a ausência de determinações que a velocidade infinita com a qual elas se esboçam e se apagam : não é um movimento de uma a outra mas, ao contrario , a impossibilidade de uma relação entre duas determinações , já que um não aparece sem que a outra tenha desaparecido, e que uma aparece como evanescente quando a outra desaparece como esboço " ¹⁶

Reitero a importância do esquecimento dentro de todo o escopo da filosofia da diferença como bem é salientado no livro "O que é

¹⁶ DELEUZE G., GUATARRI F. *O que é a Filosofia ?* p.59

Filosofia”, nenhuma relação entre duas determinações é possível no caos, para se extrair a verdadeira potencialidade que pode emergir do devir há a necessidade de fazer desaparecer o a priori.

O objeto da ciência moderna é observável através de linhas segmentarias , já que se constitui a partir de um estado de coisas como ponto referencial , e por condicionamentos que se prestam como os arautos dos valores e verdades. O consciência científica não se presta a analisar o plano do acontecimento , mas o caráter relacional dos corpos e das coisas, como também às condicionantes que derivam dessas relações . A ciência extrai do plano do acontecimento as condições extensionais, em conjunto determinados. Dentro deste tipo de interpretação , a distinção principal entre a filosofia e a ciência é justamente o fato que a última , é estagnada pelo aprisionamento do movimento , fixação de uma posição , atribuição de um limite à velocidade , em suma um fim ao infinito. O importante é que a ciência, diferentemente da filosofia passa à criar funções preposições , não conceitos . A ciência é capaz de uma surpreendente desaceleração , já que é através dela que o seu objeto irá se atualizar .

O devir do currículo - programa se coloca através do pensamento científico , reafirma funções nos sistemas pertinentes . Os observadores parciais têm como características o reconhecimento e a seleção que são independentes da ação em si . Passam a constituir pontos de vista no cerne de seus objetos . A percepção e a experimentação científica , e aí devemos nos atentar , transformam os afetos em relações energéticas e a percepção em uma quantidade de informações.

2. Filosofia da diferença,

2.1 ou como adquirir vida através da arte

É certo que Deleuze nos mostra o pensamento como uma paixão , criação exaustiva e sem mensuração , ação que clama por um pensador a entrega de todas as suas potencias, de maneira totalizante, e sem duvida, o sacrifício é apresentado a um deus perigoso e desconhecido. Quase num devir - dançarino nos chama ao rigor apaixonante , dos movimentos musculares , tensionados , contraindo, violentando, concentrando forças.

Paixão pelo pensamento , colocada pelo filosofo como alegre e de maneira nenhuma instrumentalizada, disseminada em maquinas de controle e determinações da veracidade da vida . O disparate delirante do esquecimento , que nos apresenta o caráter incerto da realidade , que nos leva a arriscar diante do perigo que se coloca ao existir. Entretanto , sempre em paralelo, Deleuze soube mostrar o quão é ocupado de bem querer esse caminho . Nômade , ousa manifestar essa estranha possibilidade, já colocada por Nietzsche, que se transmite na aceitação da vida de maneira irrestrita . Afirmção incondicional acerca da singularidade do todo , e o fato de que cada ser é insubstituível. Coloca-se o homem diante das infinitas possibilidades , dialogando com o Caos , o fora, bailando pelas novas disposições estéticas, clama pela vida ao inverter os fundamentos caducos que ministraram a existência, :

Estrangeiro :- O conceito como evento não é proposicional . A filosofia não é discursiva . Na lógica e na ciência , uma proposição defini-se por sua referencia a coisas ou estados de coisas . Mas o conceito , que é filosófico , é auto-referente . Nem a ciência nem a lógica operam por conceitos porque as funções científicas supõem uma referencia em ato

, são coordenações necessárias de estados de coisas ou objetividades , como termos variáveis independentes . As funções lógicas recaem sobre a referencia em si mesma ou como possibilidade proposicional , determinam as condições de referencia das proposições em geral. Já os conceitos de suas atualizações em corpos e estados corpóreos, e formam consistência, não referência.¹⁷

Ao abandonarmos os ditames de uma filosofia reflexiva , contemplativa e representativa , segundo Nietzsche, nos tornamos intempestivos , proporcionamos outros significados para além das divagações costumeiras . Tanto contemplar como refletir nascem de posturas que possibilitem o dilaceramento pela e com a coisa refletida que nos impede de criar a partir da diferença, articular um ou o devir que nos de a permissão para passar de um estado a outro , atribuindo inúmeras velocidades , que torne possível com que o pensamento experimente e crie de maneira nômade novos conceitos que se tornem próprios as coisas , no seu estado livre, transbordante. Entende-se aqui a consistência da arte adquirida através do desprezioso sim ao *excesso* de forças que passa agenciar, refazendo-se diante do horizonte escancarado e movente :

...é a única coisa no mundo que se conserva. Conserva e se conserva em si , embora , de fato , não dure mais que seu suporte e seus materiais , pedra , tela , cor química , etc. A moça guarda a pose que tinha há cinco mil anos , gesto que não depende mais daquela que o fez . O ar guarda a agitação , o sopro e a luz que tinha ; tal dia do ano passado, e não depende mais de quem o respirava naquela manhã. Se a arte conserva não é à maneira da industria , que acrescenta uma substancia para fazer durar a coisa .

¹⁷ Corazza , S.. Aritistagens pág.97

A coisa tornou-se desde o início, independente de seu "modelo", mas ela é independente também de outros personagens eventuais , que são eles próprios coisas-artistas , personagens de pintura respirando o ar desta pintura. ¹⁸

Diferenciando-se da ciência que constrói uma noção temporal e por ela cria as rupturas , a arte busca a consistência através da consolidação de planos transcendentais sem um caráter referencial. Sem memória visa ultrapassar a vicissitude do atemporal - temporal , historização do eterno , universal – particularizante. O gesto é plena ação, verbo que não se importa com seu sujeito.

O verdadeiro mundo - inacessível? De qualquer modo , inalcançado . E enquanto inalcançado , também desconhecido . Portanto , nem consolador, nem redentor , nem obrigatório: a que poderia nos obrigar algo desconhecido?...¹⁹

Dentro do escopo teórico deleuziano , o pensar se faz no presente , de maneira nenhuma efetua-se . Deve-se atentar à tradição , mas de maneira à problematizá-la , para discriminar os conceitos que proporcionam o seu fim, revitalizá-los pela força advinda da criatividade os modifica de maneira a serem apropriados como objetos que em hipótese nenhuma podem ser assimilados pelo poderio da institucionalização , os conceitos começam a ser utilizados como maneira de resistir a infelicidade de uma vida triste, *desmemoria* daquilo que foi, simples e puro esquecimento.

Tudo isto dentro da problemática que cerca a filosofia como um todo , que se debruça na captura dos conceitos e forças não

¹⁸ DELEUZE, G. *O que é filosofia* ,p.213

¹⁹ NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos ídolos*. p. 51

pensáveis , de uma certa maneira irrepresentáveis e alógicas , "acontecimentos" , para a filosofia apresentada por Deleuze o problema que se coloca não é mais a verdade , mas o modo como os sentidos se produzem , o conceito atrelado ao acontecimento contra a ontologia representacional.

Enquanto sistema a filosofia não deve se calcar na idéia metafísica , pois tal pressuposto está relacionado a noção de sistema com às coordenadas do idêntico , ao se buscar analogias e semelhanças . Deleuze pode passar por filósofo clássico , ele se considera assim, porém a sua idéia de sistema se difere inteiramente já que há a perpetuação de uma heterogeneidade . Sistema aberto, um muro com grandes rachaduras , onde cada parte possui a sua exclusiva significação, bricolagem em continuação para o infinito , peças movediças , reorganizadas de maneira aleatória contanto não perdendo sua unicidade , Alzheimer da alma. As circunstâncias passam a tomar o lugar das essências. Efetivação do pensamento pelo viés infinito, das dobras e redobras , encarnando uma estética pela qual é colocada de maneira proposital o desregramento das faculdades , sentidos , e combinações que passam a assumir um caráter estranho e intenso.

É digno de nota também o fato de que a relação que é estabelecida por uma força não adquire um caráter negativo essencial. A força que obedece não nega a que comanda , ao invés disso busca afirmar sua diferença. A negação assim não está presente de maneira essencial como ação pela qual a força se constituirá , ao invés disso , ela busca a afirmação de sua diferença. Para Nietzsche a negatividade não passa de um conceito tardio e pálido. É substituído assim a negação , oposição e contradição pela afirmação da diferença.

A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna

criador e gera valores : o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação , a dos atos , e que apenas por uma vingança imaginaria obtêm reparação. Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma , já de inicio a moral escrava diz Não a um " fora" , um " outro" , um " não-eu"-e este Não é seu ato criador. Esta inversão do olhar que estabelece valores - este necessário dirigir-se para fora , em vez de voltar-se para si - é algo próprio do ressentimento : a moral escrava sempre requer , para nascer , um mundo oposto e exterior , para poder agir em absoluto - sua ação é no fundo reação O contrario sucede no modo de valoração nobre : ele age e cresce espontaneamente , busca seu oposto apenas para dizer Sim a si mesmo com ainda maior jubilo e gratidão - seu conceito negativo,, o " baixo", " comum", "ruim" , é apenas uma imagem de contraste , pálida e posterior , em relação ao conceito básico positivo, inteiramente perpassado de vida e paixão

²⁰

No plano de imanência que é criado ,o pensar é potencializado pelo ato criativo , outras vidas são mostradas e propostas dentro de um plano aberto desfragmentado pelas forças por ele impelidas ; barulho , gaguejo à palavra, esquecimento à memória.

Filosofia mundo , que ao gerar o plano imanente permite uma experiência fulgural de física livre de toda formulação , critica do essencialismo funcional e normatizações da transcendência . Deixar de lado a idéia que transforma a ambigüidade e a as flutuações da paixões em um enorme obstáculo a ser transposto, como coloca Spinoza:

²⁰ NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral* p. 28

A maior parte daqueles que escreveram sobre os afetos e sobre a maneira de viver dos homens parecem tratar , não de coisas naturais que seguem as leis comuns da natureza, mas de coisas que estão fora da natureza . Na verdade, parece que concebem o homem na natureza como um império em um império. Crêem , efetivamente , que o homem perturba a ordem da natureza mais do que a segue , que tem poder absoluto sobre suas próprias ações e que não seja determinado senão por si mesmo . Atribuem , então , a causa da impotência e da inconstância humanas, não à potencia comum da natureza , mas a não sei que vício da natureza humana, da qual , por essa razão, se queixam , escarnecem , desprezam ou , como acontece mais geralmente , detestam-na ; e aquele que sabe mais eloqüente ou mais argutamente censurar a impotência da mente humana é considerado quase divino.²¹

Danças nucleares que estatelam a percepção e sentidos, passam a criar vida independente clamando por parte de seus interpretes um pouco das cores , sonoridades , gestualidades que dela brotam . É posto por Gilles Deleuze que a arte será capaz de capturar tais modulações , forças e intensificações que dominam o artista , cabe a ele torná-las visíveis , audíveis e que as possibilidades que daí advém sejam reveladas. Possibilidade de ser afetado , criar percepções e experimentações , vitrine de afectos é o artista , artífice de afectos , fundador de afectos, relacionando-os intimamente com os perceptos que nos apresenta , nos apanha de maneira composta.

O objetivo da arte , com os meios do material , é arrancar o percepto das percepções do objeto e dos estados de um sujeito percipiente, arrancar o afecto

²¹ SPINOZA, B. *Ética III, Prefácio* p. 412

das afecções , como passagem de um estado a um outro. Extrair um bloco de sensações , um puro ser de sensações . Para isso , é preciso um método que varie com cada autor e que faça parte da obra : basta comparar Proust e Pessoa , nos quais a pesquisa da sensação , como ser , inventa procedimentos diferentes . Os escritores , quanto a isto , não estão numa situação diferente da dos pintores , dos músicos dos arquitetos . O material particular dos escritores são as palavras , e a sintaxe , a sintaxe criada que se ergue irresistivelmente em sua obra e entra na sensação .Para sair das percepções vividas , não basta evidentemente memória que convoque somente antigas percepções , nem uma memória involuntária, que acrescente a reminiscência , como fator conservante do presente .A memória intervém pouco na arte. ²²

Através dessa pequena perspectiva da arte dentro da filosofia da diferença , podemos sustentar a tese de que por parte dessa filosofia é constituído um questionar radicalizador sobre o que realmente é o pensar e com isso o que é ser ; questiona-se toda a historia da filosofia , sua validade. Fique claro que tanto a ciência , a arte , a filosofia são criativas , porem a criação de conceitos será da competência da filosofia assim:

Não se trata de dizer somente que a arte deve nos formar , nos despertar, nos ensinar a sentir, nós que não somos artistas - e a filosofia ensinar a conceber , e a ciência a conhecer . Tais pedagogias só são possíveis, se cada uma das disciplinas , por sua conta , está numa relação essencial com o Não que ela concerne . O plano da filosofia é pré - filosófico , enquanto o consideramos nele mesmo , independentemente dos

²² DELEUZE, G. *O que é filosofia ?* p. 196

conceitos que vêm ocupá-lo , mas a não -
filosofia encontra-se lá , onde o plano
enfrenta caos.²³

Pode parecer por vezes estranho o fato de relacionar arte e filosofia , porém , dentro do contexto que Deleuze nos coloca , devemos pensar a relação entre arte e filosofia até mesmo com a ciência . Não se deve buscar privilegio desta por aquela, já que as três disciplinas inventam à sua maneira, através de seus próprios métodos . Assim temos: a ciência como criadora de funcionalidades , a arte sensibilizações , e a filosofia deve se contentar a criação de conceitos . Cabe ressaltar que dentro da historia da filosofia a articulação , agenciamento , conectividade entre o plano do conceito (filosofia) e objetos não conceituais (arte) foi empreitada de poucos filósofos.

A proposta se insere no sentido de se forçar a pensar a vida , acontecimentos , enraizamentos , com e a partir da própria vida e trazer isso para o próprio experienciamento educacional mas como? Não somente exercer um ato de reconhecimento em relação ao que se é o pensamento. Pensar seria articular as potencialidades que acabam agregando o pensamento , atribuindo a esses potencialidades forças e graça, não mais se opor a vida mas sim afirmá-la , a vida como força ativa do pensar e o pensar como afirmação da vida, em outra palavras educação para o esquecimento. A separação que é colocada entre esse dois escopos acaba por degenerar a vida, pois ambos estariam direcionados para a mesma direção : criar e superar os limites.

O pensamento é necessariamente invenção , descoberta , fundamentais seriam essas características para poder-se esmiuçar toda a teoria deleuziana e a radicalidade especulativa em relação as interrogações propostas em seu modo de compreender a vida . Pensar antes de possíveis categorizações , é experimentação que

²³ DELEUZE, G. *O que é filosofia ?* p. 256

se junta ao sentido da vida . Experimentar a vida com ela e não sobre ela , jaz aqui filtros conceituais que nos impedem de ultrapassar as territorialidades galgadas em conhecimentos sedimentados . Em "Diferença e Repetição" , o filósofo é claro , ao afirmar que só se escreve sobre o que desconhecemos . Já que escrever é ultrapassar, rota de convergência a um pensamento aberto, passível de influencia por forças criadoras , atividade intransitiva e irremediável.

A estética assume contornos inusitados dentro da filosofia deleuziana, ela não se coloca de maneira doutrinaria em relacionamento com as artes mas sim passa a enfrentar a problemática na qual o pensamento se coloca como plano no qual a arte gera a captura e através da cooperação passa a criar a realidade:

Só há um plano único , no sentido em que a arte não comporta outro plano diferente do da composição estética : o plano técnico , com efeito , e necessariamente recoberto ou absorvido pelo plano da composição estética. É sob esta condição que a matéria se torna expressiva : o composto de sensações se realiza no material , ou o material entra no composto , mas sempre de modo a se situar sobre um plano de composição propriamente estético ... Toda sensação é uma questão, mesmo se só o silêncio responde a ela.²⁴

O cerne da preocupação do filósofo é justamente a relação com o que violenta o pensamento . A importância da noção estética deleuziana se dá na medida em que entendemos que há a procura incessante , por aquilo que passa pelos sentidos , agenciamentos pelos quais busque-se as potencialidades da vida , relacionar a luta que arte trava com o caos inerente ao mundo para torná-lo de

²⁴ DELEUZE, G. *O que é filosofia ?* p.231

alguma maneira sensível²⁵. A intensidade pelo viés interpretativo que Deleuze traz a tona, passa a ser considerada uma questão ontológica, ou seja, dimensiona o pensar e ser de terreno representacional para o florescimento da diferença. A estética aqui deve ser entendida não como mais uma disciplina, um componente da filosofia, e sim a idéia do pensamento, nela não está atrelado o saber sobre as obras, devemos atrelá-la a uma questão que seja referência ao sensível e as potencialidades do pensamento antes mesmo do próprio pensamento, sem o conhecer do pensamento, ignorantes para com eles. Deleuze é enfático ao salientar que não acredita em sistemas de belas artes, na busca tanto de soluções como problematizações que perpassam as artes e suas heterogeneidades. Audacioso Deleuze coloca a arte como falso conceito, apenas atribui o caráter nominal; o que não o impede de agenciar o uso das artes diante de uma multiplicidade determinável.

É claro, então, que pelo viés até agora exposto, não há como estabelecermos uma empreitada que pense a arte por um olhar mais generalizante, mas por uma perspectiva sistemática, assim, somos impelidos a construir um sistema de artes que crie a possibilidade de uma transposição que ignora as especificidades dos inúmeros tipos de arte e coloca em distinção o que é e não é estética, para podermos assumir um grau interpretativo no qual seja elaborada uma teoria de inter-relacionamento das artes, porém diante de um sistema aberto, rizomático:

A diagonal se liberta, se rompe ou serpenteia. A linha já não faz contorno, e passa entre as coisas, entre os pontos. Pertence a um espaço liso. Traça um plano que não tem mais dimensões do que aquilo que o percorre; por isso, a multiplicidade que constitui não está

²⁵ Mesmo se a resposta seja o silêncio, como bem já foi dito.

subordinada ao Uno , mas ganha consistência em si mesma.²⁶

²⁶ DELEUZE, G. *Mil Platôs V* p. 220

2.2 O caráter incorporal do plano do acontecimento: ferro em brasa

Nietzsche alerta que toda a filosofia desferiu um golpe certeiro na concepção de existência, na medida em que destrói o que ela poderia oferecer de complexidade, periculosidade. A história do pensamento tenta expurgar o ato violento, o embebedar-se, o estar alegre, tudo que nos remeteria à idéia do acaso, o amor ao imóvel que pela estabilidade nos é imposto, petrificação do perfeito, acima de qualquer consideração ambígua que possa gerar imprecisão, o mundo da verdade passa a ser o nosso fim. O socratismo estabelece e determina, dentro os inúmeros caminhos mostra que o certo deve ser o fim último. Diante dessa fortaleza metafísica que passa a imperar além dos pressupostos já colocados como subordinação controle e refreamento, tal fortaleza se coloca perante os instintos, o ser sensual, o esquecido, o artista e o apaixonado.

A aparência e o sentido dentro da concepção socrática - platônica é execrada. Tudo o que continha o conhecimento a priori, toda a gama de inúmeras crenças que partilhavam do mesmo território formador das filosofias, com Homero, mitos e tradições são dispensadas, o par Sócrates-Platão é cruel nesse ponto. Contudo, a própria filosofia se atualizou, refez suas hierarquizações, se lançou a empreitadas desconhecidas, em sua imensa maioria, superando qualquer vontade de previsibilidade sobre qual seria seu produto; tal empreitada deixou pegadas, movimentou, a tal ponto que a sua coerência hoje é questionada e de uma certa maneira questionadora, o filosofar no que tange a sua atualidade, dispõe de contra-efetuações para se submeter a outras formas de pensar que não a Socrático - Platônica por assim dizer

...não se define pela forma que o determina , nem como uma substancia ou sujeito determinados , nem pelos órgãos que possui ou pelas funções que exerce. O plano de consistência, um corpo se define somente por uma longitude e uma latitude : isto é , pelo conjunto dos elementos materiais que lhe pertencem sob tais relações de movimento e de repouso , de velocidade e de lentidão (longitude); pelo conjunto dos afectos intensivos de que ele é capaz sob tal poder ou grau de potência(latitude) . Somente afectos e movimentos locais , velocidades diferenciais .²⁷

A partir de então , temos Deleuze como um dos responsáveis para a configuração da filosofia no seu hodierno, o autor contribui de maneira sagaz com uma perspectiva do pensamento pautada na teoria estóica . A Lógica dos Sentidos procura afirmar o transcendental sem permitir formas de consciência, ego, objeto, nova lógica é colocada, sentidos são cavados em prol de uma univocidade do ser através do plano do acontecimento , entendido aqui como um trajeto utilizado pelo devir que passa a ser uma força germinativa do outro caracterizado pela sua diferenciação, de caráter inominável. O acontecimento no escopo deleuziano , não se constitui pelo seu viés essencializador, de maneira nenhuma. Ocorre na superfície no mesmo patamar onde se coloca em relação com outros corpos , onde um é causa e efeito do outro: o fogo que se irradia no ferro até avermelhá-lo. De caráter incorporal o efeito de se tornar vermelho não é uma qualidade de caráter físico presente nos corpos mas qualidade lógica presente nas misturas de dois corpos, não pode assumir como realidade pois não é uma qualidade nova , mas coexistência entre fogo e metal miscigenados . Para os estóicos , a ação derivada da mistura dos corpos pode ser

²⁷ DELEUZE, G. *Mil Platôs IV* p. 47

chamada de acontecimento, conceito problemático já que não se constitui em essência , nem é propriedade . No livro a Lógica do Sentido, os paradoxos propostos pelo estóicos são atualizados de maneira a nos possibilitar a pensar o estudo desse caráter quase que incorporal do plano do acontecimento. Passamos a não nos atentar nos seres mas naquilo que é dito criado a partir destes. A questão do verdadeiro é deslocado graças a articulação Deleuze - estóicos , da essência calcada em cada coisa para o que haveria de ser o caráter mais exterior como o avermelhar do fogo. A metodologia que se coloca propõe a compreensão da potencialidade que pode ser percebida no ato de conhecer.

Pensar na *superfície* exige a necessidade de colocar o plano do acontecimento em vista, conseqüentemente o plano dos conceitos também arregimentados de maneira diferenciada, aprendemos a suportar o esquecimento. A verdade é substituída pelo sentido que se adquire, intimamente ligado ao plano do acontecimento, já que está sendo resultado deste incorporal pois não está na coisa e no seu estado, assumi-se como extra-ser .

O acontecimento , assim deve ser entendido como um processo impossível de se completar , sempre indeterminável , em coextensão com o devir que por sua vez é da linguagem. Não podendo ser objetificado graças ao seu caráter incorporal ,o acontecimento não existe como ser , mas assume suas características no plano da linguagem. Assim o acontecimento é o próprio sentido , segundo Deleuze. Dentro do debate proposto pelos estóicos e a maneira pela qual eles incorporam a noção de sentido, nos faz desviarmos dos questionamentos propostos pela tradição clássica sobre a linguagem, o sentido como paradoxo sempre em duplo sentido, afirmação de dois sentidos ao mesmo tempo . Portanto, o acontecimento é irreduzível aos seres , mas toma forma, se mostra, se efetua na fronteira dos próprios

acontecimentos . Pode-se tratar aqui de uma diferença ontológica ou ainda singularidades nômades:

Singularidades nômades que não são mais aprisionadas nas individualidades fixas do ser infinito(a famosa imutabilidade de Deus) nem nos limites sedentários do sujeito finito (os famosos limites do conhecimento) . Alguma coisa que não é nem individual nem pessoal , e no entanto , que é singular , não abismo indiferenciado, mas saltando de uma singularidade para outra , sempre emitindo um lance de dado que faz parte de um mesmo lançar sempre fragmentado e reformado em cada lance. Máquina dionisíaca de produzir o sentido e em que o não-senso e o sentido não estão mais numa oposição simples , mas co-presentes um ao outro em um novo discurso . Este novo discurso não é mais o da forma , mas nem muito menos o do informe : ele é informal puro . " Sereis um monstro e um caos"...²⁸

A violência da filosofia toma forma , o pensamento nesse momento é forçado a se deslocar , já que o Fora , o fronteiroço passa a imprimir inúmeros devires. Recorte do caos e se efetuando no plano de imanência , povoado pelo devir, o acontecimento cria novos conceitos , relacionados de maneira direta a novos acontecimentos . Desenvolvimento chave na filosofia deleuziana no plano de imanência percebemos a maneira radicalizada a univocidade do ser; resultado de uma experiência do pensamento que põe a prova seu potencial, podemos colocar o acontecimento como derivado de uma multiplicidade imanente , e suas relações de sentido que daí se recriam e por sua vez se esquecem. Portadora de muitos heterogêneos a multiplicidade passa a fazer relações históricas, gêneros , natureza, porém o que importa para a filosofia da diferença , e representa o seu sentido de unidade nos

²⁸ DELEUZE, G. *Lógica dos sentidos* p.110

mais diferentes tipos de agenciamentos, é o funcionamento recíproco como uma simbiose. Não se pretende averiguar os "filhos dos conceitos" , mas matrimônios por eles estabelecidos, a epidemia que infecta cada canto que o vento toca .

3. Esquecer

3.1 – Existe sabedoria na amnésia?

A ironia se coloca justamente pelo fato de colocar o pensar ao lado da ignorância. Qual valor, então, adquiriria nossa "sabedoria"? Pode-se territorializar –se com a filosofia da diferença sem uma dose de esquecimento?

A não pretensão da verdade faz com que a linguagem seja atravessada por novas disponibilidades , furtando-se da sua condição de enunciação direta , ou da representação por enunciados explícitos, para que tudo de alguma maneira se torne signo sabores, gestos , paisagens por exemplo. Signos desviados fazem brotar as ambigüidades , confusões do pensamento , o complicado, amnésia . Através do sintomas da palavra também , podemos adentrar nessa nova ontologia , que nos permite entender o ser não mais como uma hierarquização , mas através da superficialidade da distribuição . Livre de condicionamentos metafísicos , não institui espaço privilegiados do existente pressupondo uma formulação da filosofia em prol da transcendência.

O aprendiz sensível passa a elevar cada competência ao aprendizado do transcendental. Com a sensibilidade para uns ou como pode ser defendido ao longo dessa dissertação uma amnésia, nasce nesse individuo uma nova forma de entendimento do que o cerca , que só se apresenta a partir daquilo que experimenta.

Arrisquemos a propor então uma metodologia do esquecimentos para uma educação dos sentidos? Esforço mais incipiente não há. Deleuze salienta que somos incapazes de analisar o que vai nos afetar , quais encontros nos serão agradáveis , o limite da competência se faz dentro do escopo da diferença que traz consigo

e transmite. Sem método , sem mapas, sem caminhos para o aprendizado, esquece-se.

Diante da educação desse sentir , apreendemos o como encarar a diferença. Longe de criar justificativas acerca da necessidade de um tipo de sensível, a filosofia da diferença deturpa as dominações e introduz outras vias inseparáveis agora dos perceptos(olhar e ouvir) e de novas maneiras de afectos(sentir).Novas zonas de existência são criadas , sem destruir outras, mas acrescentando-as, explorando -as .

Como arte que torna visível o que até agora era invisível , a filosofia cria vibrações que ressoam no conceito como um todo , o compreende através da experiência concretada vida:

Enquanto descobrirmos o sentido de um signo em outra coisa, ainda subsistirá um pouco de matéria rebelde ao espírito . Ao contrario a arte nos dá a verdadeira unidade : de um signo imaterial e de um sentido inteiramente espiritual ... Nisto consiste a superioridade da arte sobre a vida : todos os signos que encontramos na vida ainda são signos materiais e seu sentido , estando sempre em outra coisa, não é inteiramente espiritual ²⁹

Para Platão, a arte não passa de um acessório pedagógico para se chegar a noção de verdade, meio de aprendizagem somente , e por outro lado a experiência como um meio incapaz para se representar a plano das idéias . A arte aqui pela perspectiva platônica é submissa ao tipo de conhecer racionalizante da consciência, meio pelo qual é estabelecido as opções de verdade do próprio pensar. Degenerada, a arte se distancia, assim, da representação segura , e passa a oferecer perigo a polis , necessitando ser reprimida , fora do território da cidade . Para

²⁹ DELEUZE, G. *Proust e os signos* p. 41

tanto é criada uma transcendência dotada de sentido dentro da filosofia , que traz consigo o caráter negativizante da vida.

Para fugir dessa negação imposta pelo pensamento platônico , ou seja , trazer a tona sua subversão , devemos nos juntar a esse enfrentamento que a filosofia contemporânea nos remete , uma busca de maneira nenhuma ingênua pela novidade mas dado a fato que a filosofia tradicionalmente aceita, exclui a incerteza e o acaso , não podemos encará-los como refugio do pensamento . As imagens dogmáticas propostas , ou seja, o pensar como concepção do natural, como aglutinador de todas as competências , o pensador de boa vontade , amparado pela verdade justa; o supremo bem , a universalização e abstração do verdadeiro , deixam de reivindicar o correto uso do pensar . Filosofia como devir e não historia , coexistência de territórios , e não sobreposição de sistemáticas , intempestiva como todos os signos sensíveis podem ser , abdicando do eterno em prol da imanência , a vida deve pensar o impensável, diante do caos até agora inabitável.

Ao lado de Nietzsche , primeiro filósofo a procurar a articulação de uma diferença radical , por consequência pensar os diferentes modos de conceber a vida diante da intensidade dos fluxos que a cercam , percebemos uma intensa censura diante do conhecimento já que passa a se tornar seu próprio fim , um simples vassalo da vida . Para por fim ao niilismo decadente, Deleuze como também havia feito Nietzsche , inaugura uma verdadeira batalha contra os regimes metafísicos que de uma forma ou de outra , acabam por sustentar o historicismo e o modelo representacional , assim , o que vale é acabar com essas formas de pensamento para possibilitar uma experimentação diante do acontecimento encarado como irreduzível.

Levando a ideia de niilismo perante a perspectiva nietzchiana como a não valorização de valores supremos , advinda da morte de Deus , nos leva a pensar que a invalidação dos valores tidos por uma tradição , ou seja , após ocorrida uma transvaloração que combate o niilismo , acaba por interpretar tudo " sem sentido " , " sem valor" , já que a tradição valorativa foi ultrapassada , de uma certa maneira então a forma mais extremada de niilismo é o eterno retorno do mesmo.

Com Scarlett Marton já nos anos 90 , encontramos um nível interpretativo em relação o eterno retorno na filosofia de Nietzsche por um caráter cosmológico e ético . A autora não se detém apenas aos escritos do filosofo , mas também investiga todo o corpo crítico que o envolvia . Os comentadores por sua vez passam a se agrupar em torno de pressupostos científicos da hipótese cosmológica , de um lado , e no caráter normativo da doutrina, de outro.

Ao estabelecer suas interpretações , Marton se desvencilha da idéia de conceber o pensamento eterno como uma experiência mística no pensamento de Friedrich Nietzsche, encaixando como parte que se aglutina ao projeto do filosofo. Dentro dessa tese, a teoria do eterno retorno estaria relacionada de maneira estreita à teoria das forças somadas ao conceito de vontade de potencia . Descarta-se, assim, o atomismo moderno e faz a opção pela energética , ou seja, podemos assumir aqui o caráter perspectivo da força , e através do experimentar, somos possibilitados a executar a busca por uma expressão à altura de seu pensamento. O perspectivismo aqui formulado nos possibilita encarar o eterno retorno longe de uma tese cosmológica , mas como um verdadeiro desafio para avaliar o complexo de forças que passa pelo homem a cada momento , dada a possibilidade de repetição dos acontecimentos.

Nietzsche se pauta em duas idéias para a formulação de seu conceito acerca do eterno retorno do mesmo . A primeira se valeria do fato de que a possibilidade de forças no mundo é de caráter finito , e que o tempo por sua vez é infinito; entretanto , ao analisar a eternidade do mundo , não há a preocupação em desenvolver um imperativo de caráter ético para ações do ser humano, pois tal empreitada não se valeria de grande eficácia já que estamos diante da eterna repetição . Com Marton acreditamos na busca por um projeto mais radical . Dada a totalidade de forças que compõem o mundo, e como constituinte desse mundo caberia ao homem afirmar sem reservas o "fatum", pois tal posicionamento nos permitira aceitar o eterno retorno como parte integrante de um projeto filosófico que busca o fim da soberania da subjetividade . Colocado no seu lugar o homem não é mais um sujeito diante da realidade para tornar-se comum a ela.

Nietzsche busca uma nova imagem do pensar , abertura pela qual o pensamento não passa a ser uma simples faculdade , mas atribui-se a ele o nível de afetação , a sua capacidade de ser tomado por forças intransitivas , como um incêndio que após a consumação dos inúmeros materiais é capaz de criar luz, horror ao intocável e sacralizado. Quebrar de vez com tudo o que toma partido do que é fraco, para nos colocar em prol da empreitada Nietzscheana, exige não nos mantermos presos a moralismos , e a toda falta de força e ímpeto.

Já com Deleuze podemos pensar em primeiramente em um tipo de niilismo passivo , " o grau mais refinado", presente no homem que busca o seu próprio caminho, porém um caminho traçado na superioridade e liberdade que se afastam do aspecto mundano , a auto-destruição é desejada graças a aniquilação da própria vontade . Na interpretação de Deleuze, Nietzsche propõe saídas para essa subjugação e formas tristes de pensar , com o niilismo passivo o

instinto é destruído em prol de uma perfeição espiritual. Outro tipo ressaltado por Deleuze é o niilismo negativo , que se relaciona a interpretação judaico -cristã de mundo , na qual se colocariam como conceitos importantes a má consciência e o ressentir-se, nesse tipo de niilismo encontramos o acusador , que dissemina a culpa e a assenta no cerne de cada um , o sofrimento como necessário para a superação dos pecados , nega-se a vida para a conquista do céu eterno. Por último temos o niilismo reativo , no qual experimenta-se o cansaço , o tédio e o isolamento , Deleuze coloca esse tipo de homem como o aborrecido com a Metafísica, cansado das testemunhas, o existir se torna apenas suportável onde a má consciência impera. Na via, tanto para os dois tipos de niilista, tanto o reativo como o negativo , o viver está desprovido de valores, dessa maneira se apresenta como falsificação mediante valores reacionários e que geram decadência.³⁰

Toda essa dialética, para Gilles Deleuze , se pauta e se movimenta através do agenciamento de forças reativas contra o viver . Há falta do próprio pensar em devir que consegue driblar toda a determinação , teorização conceitual que apenas cercam a vida :

O eterno retorno é o ser do devir. Mas o devir é duplo : devir - ativo e devir-reativo , devir -ativo das forças e devir-reativo das forças ativas . Ora , só o devir -ativo tem um ser ; seria que o ser do devir fosse afirmado de um devir-reativo , isto é , de um devir ele próprio niilista . O eterno retorno tornar-se-ia contraditório se fosse o retorno das forças reativas . O eterno retorno nos ensina que o devir-reativo não tem ser. E, até mesmo, que é ele que nos ensina

³⁰ Vale lembrar que para a Filosofia da diferença , a dialética hegeliana é responsável pelo niilismo de tipo reativo , ao afirmar grande parte da história , processos valorativos que permanecem estáveis e intocáveis, a marcha do progresso sem interrupção em prol de um meta final , um verdadeiro telos para qual a humanidade de uma maneira ou de outra estaria subjugada , regendo suas transformações , movimentações e transitoriedades .

a existência de um devir -ativo . Reproduzindo o devir , ele produz necessariamente o devir -ativo. O eterno retorno tem , portanto , um duplo aspecto - é o ser universal do devir sem afirmar a existência do devir-ativo . O eterno retorno tem , portanto, um duplo aspecto - é o ser universal do devir , mas o ser universal do devir diz-se de um só devir . Somente o devir -ativo tem um ser , que é o ser do devir inteiro . Retornar é o todo , mas o todo se afirma num só momento . À medida que o eterno retorno é afirmado como o ser universal do devir , à medida que , além disso , o devir-ativo é afirmado como o sintoma e o produto do eterno retorno universal , a afirmação muda de nuance e torna-se cada vez mais profunda . O eterno retorno como doutrina física afirma o devir . Mas , enquanto ontologia seletiva , afirma esse ser do devir como "afirmando-se" do devir -ativo.³¹

A verdade assim , não é algo que devemos encontrar e de uma hora para a outra estarmos aptos a descobri-la. Com Nietzsche, e inquiridos por Deleuze , a verdade é criada, há a necessidade dessa criação , não mais um retrato da consciência fixo e determinado , mas sim criação como "vontade de potência " , através dessa "vontade de potencia" somos capazes de exercer um ato de esquecimento, já que "O eterno retorno nos ensina que o devir-reactivo não tem ser. E, até mesmo, que é ele que nos ensina a existência de um devir -ativo"

Porém toda cautela é necessária.

³¹ DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia* p. 52

3.2 Fluxos intensos: sobrevivência através do pensar esquecido

Pensar através da intensidade , é a ligação que podemos estabelecer, discurso filosófico que se abandona diante da potencia do devir e a organização de uma vida orgânica. Afirmando as forças nômades diante da multiplicidade do caos, recriar o mundo , fluxo intenso e devastador por dentro do pensar . Agora tudo passa a se revelar na superfície. Instaurando as mediações pelas quais o pensar rompe com os conceitos pobres e gélidos da filosofia , Deleuze busca na arte esse modelo que vai impulsionar o pensar nômade que passa a atravessar os reinos , sem o intuito de fixamento. Inédito modelo que subverte sua copia e a si mesmo , traindo-se de maneira continua, busca linhas de fuga contra os bem sentires que tendem a teimar em conciliações falsas , ressentidas , reativas , nulas. Ato criativo que dá a vida a possibilidade de se manifestar por novos meios , aforismo de vida, iguais ao pensamento na sua velocidade , ritmos , variâncias , lentidões , potencialidades.

A análise estrutural de uma maquina de guerra nômade como Deleuze coloca em relação a filosofia Nietzscheana é impossível . A filosofia que descende de Nietzsche e culmina em Deleuze é construída invadindo territórios, debruçando sobre estratégias e transcendendo os planos. Enlaçar o pensamento com o fora , através do cinema , pintura , escrita ; nascimento de corpos intensos desencadeados por artistas clínicos , ou seja, longe da terapêutica produzem encontros a partir das singularidades , delineando um novo plano para o acontecimento.

Em Humano , demasiado humano , é estabelecido por Nietzsche a noção que o filósofo estabelece acerca da palavra valor. Nela é

colocada a forma como os juízos sobre a vida se desenvolvem de maneira ilógica . Primeiramente o caráter inexato do juízo é posto como consequência da forma como se apresenta o material , de maneira incompleta a soma desse material efetuada é errônea , e ainda se deve levar em consideração que cada parte desse material possui um conhecimento inexato. Como demarcaríamos então uma reta de medição do próprio ser? Ser que se apresenta através de uma medida mutável , com disposições e oscilações se atualizando a cada momento, vale lembrar que a medida fixa da qual partiria nossa medição seria nós mesmos , com o propósito de avaliarmos a justeza com que tal fenômeno se apresenta . O cerne da filosofia da diferença nos mostra isso , de maneira nenhuma poderíamos julgar, medi-la ; se de alguma maneira seres humanos pudessem compartilhar o mesmo lugar ao sol, sem avaliar, teríamos primeiramente que nos afetar sem aversão , já que toda espécie de aversão está ligada processos valorativos.

Já em Aurora , onde Nietzsche interpreta a avaliação e valor através da balança e dos pesos , é apresentada a diferença entre os gregos e cristãos e a maneira como cada um exerce os seus critérios de avaliação ao determinar o acontecido . Os cristãos absorvidos pela idéia de que a justiça castiga, gera culpa e infelicidade, colocaram tudo na mesma balança, de maneira que a culpa passa a ser medida pelo grau de infelicidade do sujeito . Já os gregos , interpreta Nietzsche , se mantiveram um tanto inocentes de maneira a não estabelecerem uma relação casual entre a culpa e a infelicidade, seus heróis na época da tragédia grega diante de seus tropeços eram advertidos por palavras que buscavam a prudência , já os cristãos diante dos tropeços e mazelas da vida , deviam estabelecer um grau de infelicidade equivalente a sua parcela de culpa . Os gregos jamais colocariam sobre a mesma balança , infelicidade e culpa buscando o equilíbrio , a infelicidade não está atrelada a idéia de uma consequência da

culpa acumulada pelo individuo , porém para o cristianismo culpa e infelicidade possuem a mesma medida, dois pesos de características iguais .

Ao colocar em pratica a genealogia da moral humana , ou seja , descobrir quais os pesos e medidas buscamos nos colocar , suas origens , valores, Nietzsche busca a origem da moral. Quando Nietzsche se refere a idéia de um Deus morto , o que o filósofo vai mostrar é justamente , o fato de que a supremacia de um bem maior , o valor mais alto de todos os valores perdeu a sua capacidade de afetação , não é mais aquele valor primordial mediador dos outros processos valorativos.

Começamos a nos deparar com o prenuncio do perspectivismo, dada a problemática que é colocada em relação ao caráter parcial dos princípios valorativos . Estabelecendo que dentro do campo ilógico que se insere dentro do ser humano , é movimentado pelos impulsos que atribuem valorações , Nietzsche ao perceber este movimento , defende que "seria impossível a qualquer ser humano avaliar de maneira precisa o valor que a vida vem nos oferecer, e ainda , se de alguma maneira fossem capazes de realizar tal avaliação estariam fadados ao desespero". O valor que a vida atribui a si mesma , para Nietzsche , seria um sistema de perpetuação dela própria , se fosse dada a capacidade para cada individuo participar dos destinos dos demais semelhantes, apreendendo e sentido a consciência totalizante da humanidade, seria posta uma atitude desesperadora por parte dos indivíduos , já que o conjunto humanidade não possui objetivo nenhum, assim o homem não poderá buscar consolo e apoio , mas desespero , diz Nietzsche, nos foi dado a possibilidade de nos esquecer.

Ao refletir agora sobre o valor da vida , Nietzsche começa a construir sua própria noção de valor , que relaciona-se ao caráter impulsivo de conservação da vida . Fica escancarado a parcialidade

dos juízos de valor , e o fato que a vida em si não possui valor , pensamento derivado do abandono do território moralista. No entanto, encontramos também a afirmação da vida na medida em que o homem livre das amarras , passe a viver para conhecer cada vez mais , podendo não se deixar abalar pela inveja e desgosto ou tudo aquilo que possui valor aos outros homens, a este novo homem deve satisfazer o fato de poder bailar sobre humanidades , costumes, institucionalizações.

Conclui-se que o pensamento sempre estará permeado por esta atmosfera trágica que, tecida pela malha da linguagem, não para de desencadear paralogismos e conclusões infundadas sobre o viver. Contudo , a filosofia da diferença nos mostra que tais percalços no caminho do conhecimento são resultados da maneira metafísica de enfrentar o mundo , dada sua busca por dogmas , busca pela verdade , que empobrece discursos e proporciona a garantia da simplificação da vida, esqueça – te de ti mesmo.

Tudo que se deriva de uma linha de raciocínio puramente intelectual , tanto para Nietzsche como para Deleuze , acaba exercendo um caráter limitador , determinante , exercendo suas afetações por meio de recognições. De maneira nenhuma, passa a se referir à realidade , nunca enfrenta os fluxos caóticos que daí derivam , mas enobrecem-se através de conceitualizações inertes e dogmáticas. A violência que arrebatou o pensar , o acaso a coação que por consequência é impelida ao sujeito , daí surge o pensar . Forças externas que arrastam , empurram e pensam ao se indagar quais os fluxos que se desdobram de maneira sorrateira e deturpam o valor da verdade.

Nietzsche recusa especialmente ao conhecimento sua pretensão de opor-se à vida , de medir e julgar a vida, de considerar-se a si mesmo como fim . A inversão socrática aparece já sob esta

forma n' O nascimento da Tragédia . E Nietzsche não cansará de dizer : o conhecimento , simples meio subordinada à vida, terminou por erigir-se em juiz de suprema instancia . Mas [...] a oposição entre conhecimento e a vida , a operação pela qual o conhecimento se faz juiz da vida são sintomas e apenas sintomas . O conhecimento se opõe à vida , mas porque expressa uma vida que contradiz a vida , uma vida reativa que encontra no próprio conhecimento um meio de conservar e de fazer vingar o seu tipo.³²

Quando a metafísica determina uma dualidade entre as paixões o conhecimento , propondo a anulação das primeiras em prol do segundo , acaba por desconsiderar de maneira cabal a multiplicidade de afetos que brotam do pensar . O aniquilamento das paixões correspondem à uma dilaceração do pensar . Não queremos dizer aqui que as paixões são as verdades que devemos alcançar , mas sim através delas podemos buscar territorialidades que problematizem o sentido que é dado a noção de verdade. Já foi o tempo da falsa neutralidade metodológica , ou seja , a superação do caráter objetivo e desinteressado do conhecimento.

³² DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia* . p. 141.

3.3 O perspectivismo como terretorialização

O perspectivismo surgirá no momento em que Nietzsche se debruçará sobre as forças e a vontade de potencia. Nessa linha de raciocínio , cada força ocupa um determinado flanco no processo de devir , ou seja , vir- a - ser, todas são detentoras da potencialidade de expansão e conservação para que ocorra a interpretação, o mundo como:

conjunto de partes heterogêneas : colcha de retalhos infinita , ou muro ilimitado feito apenas de pedra (um muro cimentado ou peças de um quebra-cabeça, recomporiam uma totalidade). O mundo como mostruário : as amostras ("espécimes") são precisamente singularidades, partes notáveis e não - totalizáveis que se destacam de uma serie de partes ordinárias.³³

O interpretar assim estaria colocado em todas as partes , já que para Nietzsche mundo em si é a somatória de todas essas forças , o perspectivismo viria para nos alertar: há necessidade que cada centralidade da força, não só o homem , erga seus edifícios a partir desse centro e por conseqüência o resto do mundo. Assim não mais falamos em "homem" mas sim no conjunto de forças chamado homem , que sempre estará apto a entrever uma perspectiva da realidade, consciente da sua incapacidade de absorver todo o fluxo do devir . Deposita-se os anseios na esperança de que o sujeito possa determinar sua vida de maneira a encarar o aspecto perspectivo da mesma.

O empreendimento filosófico não mais deve pesquisar a verdade mas sim a lógica que brota dos valores , já que para Nietzsche sempre há presença da paixão no ato do pensar logo,

³³ DELEUZE, G. *Critica e Clinica* p. 68

apreciaremos valores que administram o pensar. Não acreditamos na defesa de uma substituição das essências pelos valores , mas pensar que entre o valor e o pensamento existe uma associação que tendem a perdurar , caberá ao filósofo de alguma maneira acabar com essa lógica que os colocaram como separados.

Pela demonstração dos graus de afetação como fator essencial no universo da criação , de maneira que por sua mediação é possível executar um método de cunho genealógico , pode-se obter o nivelamento do discurso metafísico exercido nas diferentes maneiras de se consagrar o pensamento teórico . Tal processo leva em consideração a capacidade do filósofo de ser alvejado pelas forças existenciais , criar a partir delas, contrapondo conhecimento e existência . Executando sua empreitada crítica e fazendo jus a sua filosofia , o par Nietzsche - Deleuze , cria jogos e variadas expressões que colocam em zonas perigosas desenvolvimentos teóricos tradicionais, ao apelar para a poética Nietzsche renova a filosofia , incorpora outras entidades e conceitualizações que devastam o pensamento clássico. Como num rio caudaloso a corrente te leva a lugares secretos e profundos , como Deleuze ressalta , a vida como o ser ativo do pensar e o pensar como ser afirmativo da vida , os dois se orientando mutuamente. Com o filósofo de Zaratrusta , até mesmo o eu é exaurido , encarado como mais uma forma de nos enganarmos, de maneira nenhuma poderia ser encarado como certeza imediata ,mas uma expressão complexa de uma série de problemas circunscrito ao significado do pensar , até o sentido de sua causa.

A processo crítico que Deleuze herda de Nietzsche , propõem o descortinamento dessa falsa imagem que na vida impregnou , duas formas de encarar o mundo são colocadas: a primeira pautada numa racionalidade dialética , detentora de um afastamento dos impulsos vitalícios , e a outra que assume o caráter conflitante da

existência sem dicotimizações , essencialismos , racionalidades . Com o pensamento avançando por esse caminho a arte apresenta-se como componente essencial , como já foi ressaltado ao longo do texto , cria-se perceptos e afectos , de maneira a se estabelecer como resposta mais elevada ao niilismo que se coloca a partir do pensamento racional . Inventando mentiras, como Deleuze coloca, coloca o falso como detentor de um alto poder de afirmação . A afirmação , o desdobrar, a correção e a seleção , para o artista estará no campo da aparência , sendo que a mesma não representa mais uma negação do mundo , diante dessa nova perspectiva , a verdade se torna aparência que nos conduz ao conhecimento que nos possibilita novas possibilidades de vida .

Diante da falência do mundo da representação , da arte trazendo a aparência da vida , um mundo nômade , dos múltiplos , da complexidade da diferença devemos ter em mente a potencialidade que é alcançada com a aproximação que Deleuze estabelece diante da filosofia Nietzscheana em relações ao plano de afetações :

- Por meio das afetações , podemos delimitar a territorialidade que estamos inseridos e possibilitados de alcançar uma experiência real , ou seja , para afetar e ser afetado.
- O pensamento não depende da boa vontade do pensador ou de sua natureza é de caráter intransitivo.
- Assume-se a pluralidade de forças que antes era subjugada em prol de uma unidade consciencial
- Por meio dos graus de afetações e suas respectivas intensidades podemos obter a localidade da potencialidade de cada indivíduo.

Em suma podemos encarar o esquecimento, sem nos ressentirmos.

No momento em que ocorre que a afetação o pensar passa a ser experimentado , a pluralidade das paixões se inscrevem com determinadas intensidades, pura energética do devir , potencializando e balizando os modos de existência e pensamento . Ao radicalizar o projeto Nietzscheano, Deleuze abdica de vez a uma idéia que se pauta na consciência , de maneira a relegar os afetos a área da experimentação e não mais da interpretação. Arte não a maneira estética, mas como meio de experimentação que possibilitará a localização dos devires. O devir como movimentação constitutiva dos seres , mundo pensado de maneira ontológica em sua multiplicidade.

Com Platão e Aristóteles subordinamos a diferença à formalizações de identidade , oposição. Ao tornar a diferença maldita , aliciando-a à falta e ao pecaminoso passamos a execrá-la(mesmo movimento poderia ser interpretado em relação ao esquecimento). Para Deleuze o papel da filosofia é compreender a diferença da forma mais radical possível, todo o pensamento deve se servir da medição pela diferença , o ser só se constitui e adquire e permanece o sendo , a partir do momento em que se enxerga como diferença pura .

Ontologicamente a diferença é interpretada por Deleuze , expressando -se como problema filosófico , a univocidade , através do agenciamento do campo de imanência. Tentativa de unir o uno ao devir , empreitada um tanto contraditória à primeira vista , no entanto , o criar o ser -uno manifestado como substancialidade que permeia tudo que existe , o filósofo trabalha com a idéia de devir como potencia que passa a produzir a si mesma , e também a territorialidade que torna impossível o discernimento entre os seres . O ser como manifestação do próprio devir..

A univocidade do ser significa que ele é Voz, que ele se diz em um só e mesmo

"sentido" de tudo aquilo que se diz. Aquilo que se diz não é, em absoluto, o mesmo. Mas ele é o mesmo para tudo aquilo de que se diz. Ele ocorre, pois, como um acontecimento único para tudo o que ocorre às coisas mais diversas, *Eventum tantum* (...), a afirmação do acaso em uma vez, o único lançar para todos os lances, uma só insistência para tudo o que existe, um só fantasma para todos os vivos, uma só voz para todo o rumor e todas as gotas do mar.³⁴

Se encararmos o ser como expressão do plano do acontecimento no qual ele está inserido, de maneira nenhuma podemos "cercá-lo" com predicados pré-fixados. Junto aderente à ele todo um universo de singularidades que se fazem existir antes da individualização, tornadas nômade de modo que toda a ontologia pré-individualizante force sua preponderância sobre o individual. devastando os valores que brotam da consciência, podemos falar agora de um empirismo transcendental, em oposição a Kant que se debruçava em um campo transcendental dotado de uma consciência impregnada de uma pureza na qual a ausência da experiência se faz presente. O filósofo da Diferença encara o processo de experimentação desprovido de conscientização, de sujeito, Eu entrecruzado pelos devires que se revelam de maneira intensiva, as sensações múltiplas acabam acanhando a fundamentação de uma subjetividade, um Eu rachado de maneira nenhuma sintético unitário em A Lógica dos sentidos no que tange as singularidades há a procura da determinação de um campo transcendental e pré-individual :

... que não se parece com os campos empíricos correspondentes e que não se confunde, entretanto, com uma profundidade indiferenciada. Este campo não pode ser determinado como o de uma consciência... , não podemos

³⁴DELEUZE, G. 2000a, p.185

conservar a consciência como meio ao mesmo tempo em que recusamos a forma da pessoa e o ponto de vista da individuação. Uma consciência não é nada sem síntese de unificação, mas não há síntese de unificação de consciência sem forma do Eu ou ponto de vista da individualidade (Ego). O que não é nem individual nem pessoal, ao contrário, são as emissões de singularidades enquanto se fazem sobre uma superfície inconsciente e gozam de um princípio móvel imanente de auto-unificação por distribuição nômade, que se distingue radicalmente das distribuições fixas e sedentárias como condições das síntese de consciência.³⁵

Ao emitir formulações singulares, como que num lance dados estamos pensando. No limite em que se encerra a separação entre o ver e o falar, onde ambos atinjam seus limites, não conseguindo assim adquirir mais nenhuma relação isso é pensar. Forma radical de criação, maneira de deixar o Ser pré-individual forçar-nos a exprimirmos devires em novos planos de acontecimentos.

Como tratar de maneira igualitária um ser que possui na sua gênese da singularidade de cada parcela que o constitui, e se fazem valer diante do caos que o arrebatam? Esquecendo-se.

Imanência pura é a maneira como deve ser entendida a filosofia da diferença, já que ao se resvalar nos limites da representação proposta pela filosofia tradicional, que apenas procura dar cabo de uma faceta da experiência possível, como Kant o fez, não se debruça diante da experiência real. A territorialidade, a temporalidade e o sentir assumem o status de grandezas intensivas, que de maneira nenhuma podem ser representadas mas simplesmente sentidas. Justamente a intensidade que cria a

³⁵ DELEUZE, G. *A lógica dos sentidos* p;105

possibilidade do experienciamento da realidade, saímos das relações ideais e virtualizadas , para o plano da estética do relacionamento sensível e atual.

O mundo assim, não se constitui nem como verdade e nem como realidade, porém vivo, ao constituir-se como vontade potencia, que diversifica à medida em que é intensificada no sensível . A diferença não é o dado em si , mas sim a maneira como o dado se apresenta . Através da diferença passamos a nos deparar com uma inúmera possibilidade de fenômenos , é criada a possibilidade para a sensação se manifestar, criar , produzir.

3.4 O próprio conceito para existir se esquece

Em a *Lógica do Sentido*, o filósofo da diferença encara a sensação não pelo aspecto qualitativo e nem pelo aspecto quantitativo, dada a possibilidade de criação do fenômeno, e ainda o seu princípio diverso que propicia a constituição da percepção, a sensação aqui é tomada como intensiva realidade, assim, inerte aos aspectos que procurem determinar a representação, porém passível de conjurar variedades alotrópicas. Antes de mais nada ela é vibração, ressoa nos mais variados níveis, ou ainda para os Estóicos:

...os estados de coisas, quantidade, qualidades, não são menos seres (ou corpos) que a substancia; eles fazem parte da substancia; e, sob este título, se opõem a um extra-ser que constitui o incorporal como entidade não existente. O termo mais alto não é pois o Ser, mas Alguma coisa, aliquid, na medida em que subsume o ser e o não-ser, as existências e as insistências. Mais ainda, os Estóicos procedem à primeira grande reviravolta do platonismo, à reviravolta radical. Pois se os corpos, com seus estados, qualidades e quantidades, assumem todos os caracteres da substancia e da causa, inversamente, os caracteres da idéia caem do outro lado, neste extra-ser impassível, estéril, ineficaz, à superfície das coisas: o ideal, o incorporal não pode ser mais do que um "efeito".³⁶

"Razão do sensível" é o que diz Deleuze acerca da intensidade, diante do verdadeiro não podemos estabelecer conformismos ou

³⁶ DELEUZE, G. *A Lógica dos Sentidos* p. 9

assumir uma forma comum, jamais haverá correspondência entre duas formulações distintas. O falar e o ver não se mostram similares como se imagina ser, a visibilidade e a enunciação formam um grau de complexidade intensa na qual o que se visualiza não se encontra mais no que se diz, e o mesmo ocorre de maneira inversa.

Valendo-se de que intensidade da diferença permite a percepção do sensível, porém ela mesma não pode ser percebida, de maneira a imprimir uma força no território da representação sem poder ser rastreada leva-nos a concluir que a diferença de intensidade pode ser entendida como a origem que não pode ser apreendidas pela representação.

Enfim a diferença encarada como pura intensificação, não medida através de percepções e representações, como fantasma desaparece ao ser despachado pelos seus agenciamentos e conceitualizações. Algo que não possui, enquanto o encaramos pelo plano da intensidade, conceitos genéricos, qualificações e determinantes individualizantes. Nem conceito, nem categoria. Liberada nos mostra a impossibilidade de atrelarmo-la a uma criatura, uma coisa, no processo de subversão de todo modelo constituído e instauração da potencia da falsidade.

Reconheço a minha sina, disse afinal, com tristeza. Pois bem! Estou pronto. Começa a minha última solidão. Ah, esse triste negro mar abaixo de mim! Ah, esse prenhe desconsolo noturno! Ah, mar e destino! Rumo a vós devo agora descer!

Acho-me diante de minha mais alta montanha e de minha mais longa caminhada: por isso, devo antes descer mais profundamente do que jamais descí:

- descer mais profundamente na dor do que jamais descí, até sua mais negra maré ! Assim quer meu destino: pois bem , estou pronto !
De onde vêm as mais altas montanhas? , perguntei certa vez . Então aprendi que vêm do mar .
Este testemunho está inscrito em suas rochas e nas paredes de seus cumes . É a partir do mais profundo que o mais elevado deve chegar à sua altura . -³⁷

Passemos a falar agora sobre os conceitos , maneira de se enfrentar a filosofia em busca do significados do pensar e das proposições que passam a encarnar o indivíduo. Através dos conceitos podemos propor uma delimitação que o envolve : pensares , objetificações , vocabulários. Propomos aqui uma pequena inserção acerca das diferentes esquemas conceituais , que nos foram apresentados ao longo da história do pensamento.

Logo de cara nos deparamos com a terminologia da palavra conceito que nos contrapõe à diferentes definições , umas ligas a idéia, por vezes noção , por outras pensamento cada uma manifestada de inúmeras maneiras. Com Platão e Aristóteles , dentro da filosofia tradicional , o conceito assume o papel de definidor da natureza que perpassa uma entidade, quase que com um status de universal , ora poderia ser entendido como essência ora como substancia. Primeiramente com Platão e depois reproduzido por Aristóteles as conceitualizações já se colocavam como ferramenta do conhecer necessitava dar conta do real.

Com Descartes e Leibniz , agora já na modernidade , observamos o caráter metafísico impregnando o conceito , por conseqüência começam a brotar as interpretações de caráter epistemológico, sempre com uma conotação empirista racional. Com Hume e

³⁷ Nietzsche, F. Assim falou Zaratustra p. 146

também Locke há a absorção mais psicológica da conceitualização , desvendando a sua origem e associações para a formação de idéias baseadas nas percepções.

A distinção imediatista entre sensações e percepções por um lado e conceitos por outro, é proposta por Kant, de uma certa maneira o filósofo visava a diferenciação entre o caráter intuitivo e o plano do conceito. Para Kant é clara que a forma com qual o pensamento absorve os diferentes tipos de realidade e estabelece o conhecer ocorre mediante a formulação de conceitos, os quais são articulados pela faculdade de juízo e não pela simples intuição do indivíduo, estabelecida pela impressão do sensível. Organizador das diversas representações diante de um tipo de representação é a função que Kant reserva para o conceito, sempre se remetendo a sua representação.

Na esfera hegeliana o intelecto está abaixo do conceito , de maneira a possuir uma superioridade em relação a razão, por se consolidar em um novo plano. Hegel não o encara como abstração , mas em toda a sua concretude detém em si tanto o ser como a essência. É atribuída tal importância que dentro da lógica de pensamento podemos observar a divisão por categorias entre o conceito, a essência e o ser , sendo que os dois últimos são incorporados pelo primeiro. Podemos considerar o conceito como Absoluto , já que ao sujeito auxiliado pela razão resta contemplá-lo.

Nas ciências contemporâneas o conceito é estabelecido , para Duneel , para dar conta da intensa velocidade que os objetos adquirem , eles não serviriam então apenas para categorizar mas também para demonstrar relações com outros termos . O conceito dentro de uma investigação de caráter científico tem a função de identificadores dos pólos de discussão, para depois serem

estabelecidas discussões que relacionem a base de dados com a teoria e metodologia empregada.

No livro *A filosofia do não* de Bachelard, pode-se estabelecer o grau de maturidade de um conceito ao percebemos certas diferenciações, muitas vezes sancionadas por uma maneira infantil de realismo, subjugada, ainda, pelas idéias de um positivismo, o filósofo assim compreende que em sua filosofia a cientificidade não transpõe uma grande homogeneidade. Um outro aspecto importante é o contra ponto estabelecido entre progresso dos conceitos dados pela ciência e o progresso dos conceitos filosóficos, Bachelard defende que pouca importância é dada para esse progresso dentro da filosofia, não podemos estabelecer adiantamentos e atrasos conceituais no decorrer das idéias propostas por Descartes e Kant em relação Platão, porém a influência do progresso científico é tão presente, que acaba se disseminando na esfera filosófica, de maneira a ordenar classificações que colaborem para o estudo do progresso da idéia de razão, por exemplo.

Ainda fica claro a constante dialetização que um conceito deve se obrigar. Tal processo só é impedido através de um peso muito grande por parte de seu conteúdo, ou seja, o conceito fica impedido de ser sensível as ressonâncias que são criadas pelo espaço em que ele se apresenta. Para garantir a semelhança de opiniões e necessário anteriormente a discussão pautada na diferença entre estas mesmas opiniões, porém o homem contemporâneo sofre de uma incapacidade de mobilização de seus conceitos, dado a sua falta de capacidade de se esquecer. O verdadeiro advém da divergência. O conceito sempre formado e adquirindo sentido no decorrer de sua construção, é impossibilitado de se apresentar isoladamente ou através de uma faceta, sua força está na relação que estabelece.

O jogo e as regras propostas para o conceito , se invertem de maneira aterradora , com as indagações estabelecidas por Wittgenstein , dentro da filosofia da Linguagem , o filósofo afirma que o conceito possui contornos imprecisos , como um retrato nítido em comparação a um retrato desfocado a imprecisão conceitual por um acaso deslegitimaria o conceito. Dentro do jogo da linguagem , os conceitos funcionam como instrumentos , que conduzem nossos interesses.

Em Investigações Filosóficas Wittgenstein , dá uma grande contribuição para a filosofia da linguagem na medida em que busca a compreensão dos conceitos que são atribuídos aos fenômenos e não os fenômenos em si , ou seja , se detém em relação aos significados , compreensões e proposições .

Não são assim os fenômenos que deveríamos analisar mas sim os seus conceitos , ou seja , o conceito de criar, nada mais é que do que o emprego de uma palavra, porém não devemos exercer o mesmo erro que os nominalista exercem de modo a não apenas atribuir nomes , sem realmente elaborar uma descrição de seu emprego. Na linguagem , no uso dela , e não indagando de maneira direta o fenômeno. A dor exemplifica Wittgenstein , não é apreendida através do fenômeno mas o seu conceito é dado através da linguagem, a própria sensação de dor é apreendida é , no entanto no decorrer da vida apreende também que o conceito dor também pode ser usado para expressar amor , sofrimento, saudade.

Wittgenstein tece uma linha interpretativa que solapa os aspectos valorativos conceituais , na medida em que conceitos que se relacionam a determinados tipos de pintura seriam capazes de sozinhos imporem arbitrariedades , gostos , ou diferenciações de belo e feio . Não é a resposta dada pelo filósofo, um conceito solitário é incapaz de se impor , sua magnitude dependerá da

quantidade de agenciamentos que este fará com outros ao redor , da mesma maneira que uma corda ao aumentar a quantidade de filamentos que a transpõe mais forte ela se torna assim é o conceito.

Como já foi exposto , o filósofo não está arregimentando formulações e teorias para nomear as coisas , ou estabelecer definições, estabelecer características que sejam necessárias para determinado conceito, nem mesmo com a própria essência que poderia brotar, o interesse se fixa em apreender de que maneira é possibilitada o uso da linguagem , como os conceitos tornam conceitos e como se fazem presentes dentro de um sistema, estabelece-se por esse viés que o processo de significação por parte dos conceitos sempre vai assumir o caráter contextual.

O filósofo é bom em conceitos , e em falta de conceitos , ele sabe quais são inviáveis, arbitrários ou inconsistentes , não resistem um instante , e quais , ao contrario , são bem feitos e testemunham uma criação , mesmo se inquietante ou perigosa.³⁸

Aproximando-se da idéia de noção de uso e regras que são propostos pela linguagem , Thomas Kuhn estabelece uma serie de analogias que se referem a característica discursiva da ciência , seus usos da linguagem e seus limites paradigmáticos. No limite toda a construção do conceito científico se daria através de jogos discursivos que viabilizariam a manutenção dos paradigmas vigentes.

A idéia de paradigma para o autor , permeia as localidades e discursos das praticas científicas , trazendo a tona os desencadeamentos epistêmicos que derivam das especificidades agenciadas no decorrer do processo , um paradigma para o autor

³⁸ DELEUZE, G. *O que é Filosofia* p. 11

não poderia dividir-se em emergenciais , simultâneos ou emergentes , sempre há a capacidade de dominação por parte do paradigma , em relação campos por ele afetado. A pertinência de uma argumentação convincente , experimento como experiências científicas e a tutela de um corpo de doutores todos esses esforços devem objetivar um paradigma . Kuhn percebe que noções de culturas e sub-culturas que são criadas a partir de diferentes disciplinas, permitem novas maneiras de observação diferenciações e formulações empíricas e teóricas , levando a entender que entre os paradigmas dada essa heterogeneidade não há tradução e sim uma conversão de um paradigma por outro.

A forma mais elevada do pensamento racional sempre esteve ligada a idéia de produção de verdades , porém o que vem a ser essa verdade , além de uma diversidade de metáforas , antropomorfismos , relacionamento humano , que tendem a aparecer de maneira solidificada, e obrigatória , devemos nos lembrar antes de mais nada que a **verdade é uma ilusão , que perdeu a consciência de que era , a verdade nada mais é do que metáfora gasta e insensível diante do que a afeta**, com Kuhn :

Talvez a ciência não se desenvolva pela acumulação de descobertas e invenções individuais . Simultaneamente , esses mesmos historiadores confrontam-se com dificuldades crescentes para distinguir o componente " científico" das observações e crenças passadas daquilo que seus predecessores rotularam prontamente de " erro" e " superstição". Quanto mais cuidadosamente estudam , digamos , a dinâmica aristotélica , a química flogística ou a termodinâmica calórica , tanto mais certos tornam-se de que , como um todo , as concepções de natureza outrora correntes não eram nem menos científicas , nem menos o produto

da idiossincrasia do que as atualmente em voga. Se essas crenças obsoletas devem ser chamadas de mitos, então os mitos podem ser produzidos pelos mesmos tipos de métodos e mantidos pelas mesmas razões que hoje conduzem ao conhecimento científico. Se, por outro lado, elas devem ser chamadas de ciência, então a ciência inclui conjuntos de crenças totalmente incompatíveis com as que hoje mantemos. Dadas essas alternativas, o historiador deve escolher a última. Teorias obsoletas não são em princípio científicas simplesmente porque foram descartadas. Contudo, esta escolha torna difícil conceber o desenvolvimento científico como um processo de acréscimo. A mesma pesquisa histórica, que mostra as dificuldades para isolar invenções e descobertas individuais, dá margem profundas dúvidas a respeito do processo cumulativo que se empregou para pensar como teriam se formado essas contribuições individuais à ciência.

De uma certa maneira os conceitos não param de criar movimentos, uma hora estão ali na outra acolá, transgredindo fronteiras até então intransponíveis. O conceito de verdade que é estabelecido em Nietzsche, é o mais claro exemplo de como a linguagem agencia inúmeras verdades para dar conta das conceitualizações, batalhão móvel de metáforas diria Nietzsche, verdades que se referem a algo distanciado do real, porém ao mesmo tempo tão próxima da própria vida que acabam por ser

Cabe ao filósofo se atentar para essa problemática, no livro A arqueologia do Saber de Michel Foucault, mais precisamente no capítulo que se intitula a Formação dos Conceitos, é colocado em jogo a possibilidade da ordenação lógica dos conceitos, com o experienciamento percebe-se que a complexidade dos conceitos que tende a brotar a cada instante não obedece condicionamentos tão

rigorosos. Tal situação facilmente perceptível em inúmeras áreas do conhecimento , pois muitas alcançam o saber de maneira assimétrica. Segundo Foucault , a importância deve ser dada aos campos enunciativos que cada conceito está imerso para depois podermos exercer uma organização sistemática que é compreendida de três maneiras diferenciadas:

- Formas sucessivas: caracterizadas pela ordem das narrativas dos acontecimentos no decorrer de uma temporalidade linear enunciativa ; correlação dos enunciados ; a retórica presente em cada combinação de enunciado;
- Formas de coexistência : aparece mediante a organização que as formas de sucessão organizam os campos enunciativos, a forma de coexistência estabelece um campo de presença que é configurado pela retomada de enunciados já formulados de outras maneiras em outras situações. Visando a crítica o campo de presença discute, julga , rejeita e exclui , ocorre uma verificação das prerrogativas dos enunciados no âmbito discursivo, possibilita assim a verificação experimental. Além do campo de presença , as formas de coexistência possuem o campo de concomitância , no qual os enunciados que se estabelecem em domínios diferentes , mas que de modo análogo podem se estabelecer como modelos uns dos outros , possibilitando o estudo e confronto.
- Formas de procedimentos de intervenção: aplicados aos enunciados , são os procedimentos de reescrita que permitem aos enunciados passados exercerem influência perante outros esquemas de regras e apresentações . Também pertencentes a esse grupo são os métodos de transcrição , tradução , aproximação, delimitação, sistematização .

Foucault elabora uma ressalva acerca da maneira como devemos inquirir um sistema , devemos ter em mente que o mesmo, não se

limita nem é caracterizado pela simples descrição direta dos conceitos ou levantamentos e classificações , pela identificação de traços e caracterizações similares, mas sim que devemos ter como objeto os esquemas que os enunciados nos propõem ao longo do discurso.

Não há maneira razoável para se colocar um objeto diante de uma estrutura conceitual de um texto solitário , ou até obra ou ciência. Foucault defende a idéia de que a análise discursiva que passa pelos diversos momentos dos enunciados possui importância, os esquemas propostos pelo autor estão longe de determinar ordem e exatidões para com o conceito, sua maneira de se organizar internamente ou a seu inicio individualizado. O que o autor propõem aqui é a análise pré-conceitual, ou em outras palavras uma meta-metodologia que reterritorializaria o esquecimento.

Foucault em *As palavras e as Coisas* , define o pensamento pré-conceitual como negação de uma busca um ideal ou de alguma forma buscar o local de nascimento das abstrações , porém no nível em que discrimina o próprio discurso, Foucault , se debruça sobre a maneira emergente por meio da qual os conceitos advém; cria-se um distanciamento das idéias estruturantes do conceito em relação ao discurso, pauta-se no sistema conceitual que é criado a partir das irregularidades presentes nos discursos ; não há submissão por parte da multiplicidade que os enunciados venham a conferir da forma coerente dos conceitos ; o autor age de forma a recolocar as intenções libertas da não contradição em um intrincado sistema dotado de regras que caracterizam a arte do discurso. O pré-conceitual perseguido por Foucault , se estabelece na superfície , de maneira a não se enraizar no fundo histórico, nada de gênese abstrativa e atividades que venham a formá-las , nem de intuições , definições de estruturas formais .

A generalização e universalizações dos planos conceituais podem ocorrer em campos definidos porém ao se alastrar para diversos domínios podem se tornar impraticáveis ou impossíveis de estabelecer suas possíveis possibilidades com antecedência. Nos resta apenas estabelecermos analogias entre este campo com regras de formulação de conceitualizações , buscando estabelecer similitudes ou não . No nível pré-conceitual permite-se que o irregular nasça , de maneira que a multiplicidade heterogênea dos conceitos seja respeitada.

Um novo campo interpretativo se abre de maneira a adentrarmos nos domínios da formulação das conceitualizações , pautados nas formas de discurso e enunciados, essa maneira se desliga das palavras, da cognição e do empirismo . Não há preocupação por parte de Foucault com a identificação das enunciações os discursos individuais , nem pelas regras estabelecidas por contextos locais , ele busca estabelecer campos autônomos através de discursos que estão separados do comum e acessível em determinado local.

Os chamados arquivistas , bibliotecários , ou até mesmo curadores , não cansam de estabelecer classificações de corpus discursivos , através de acervos bibliotecários, lista de classificações hierarquizantes, para Foucault esse conjunto classificatório é desconsiderado, pois as unificações impostas pela tradição se rendem ao fracasso pois percebe que não há caracterizações essenciais a nenhuma disciplina categorizada pela tradicionalidade que permaneça intocável durante o processo de deslocamento conceitual, seus próprios objetos comprovam isso, no que tange a descrição, a eles pertencente , não possui validade muito duradoura.

É evidente que através da perspectiva colocada por Foucault , os conceitos não podem ser considerados invariáveis , percebemos transformações , recortes que por serem incompatíveis necessitam

de revoluções conceituais . O heterogêneo se torna explícito na abordagem desenvolvida pelo autor, junto com a arte de flutuação atuar na superficialidade do conceito, que se realiza através do pensamento pré-conceitual , forma delimitante do discurso, que não colabora para uma definição da unificação léxica ou lógica , assim, ocorrem chances para que se estabeleça o relacionamento de idealizações explícitas e implícitas por parte dos enunciados e não uma limitação das caracterizações de essência de um plano conceitual .

Na obra " O que é a filosofia? , Gilles Deleuze e Félix Guatarri elaboram uma perspectiva que se desprende de uma seqüência linearizante de deslocamentos teóricos proposto por inúmeros pensadores ao longo de toda a historia da filosofia , nos é apresentado uma noção de filosofia que pretende formar , inventar , fabricar conceitualizações. Se estabelecemos que a filosofia é a arte de criar conceitos, o filosofo é deveras responsabilizado por essa arte . Com pleno domínio sobre os conceitos o filósofo ,sabe indaga -los em relação a sua viabilidade , arbitrariedade , resistência , e elaboração etc.

É dada relativa autonomia a outras disciplinas do conhecimento como as artes e as ciências na formulação de conceitos , porém só a filosofia a exerce de maneira restrita . O sujeito encarnado como filosofo não é bem quisto o contentamento diante de novos conceitos aos quais à ele são expostos para somente exercer uma atividade de lapidação , há a necessidade da fabricação , criação , afirmação fazer com que sejam utilizados :

Criar conceitos sempre novos é o objeto da filosofia . É porque o conceito deve ser criado que ele remete ao filosofo como àquele que o tem em potencia e sua competência. não se pode objetar que a criação se diz antes do sensível e das artes , já que a arte faz existir

entidades espirituais , e já que os conceitos filosóficos são também sensibiliza. Para falar a verdade , as ciências , as artes são igualmente criadoras, mesmo se compete apenas à filosofia criar conceitos no sentido estrito. Os conceitos não nos esperam inteiramente feitos, como corpos celestes . Não há céu para os conceitos . Eles devem ser inventados , fabricados ou antes criados , então seriam nada sem a assinatura daqueles que os criam.³⁹

Embora Nietzsche nos advertisse em relação a palavra valor , um filósofo não demonstraria um " valor" para a filosofia se não fosse capaz de criar seus próprios conceitos. O caráter criacionista da filosofia não abarca a contemplação , reflexão e comunicação , tais escopos são colocados como ações e paixões , através delas pode-se estabelecer a construção dos Universais que exercem dominações diante das outras disciplinas , por outro lado o caráter singularizante da criação de conceitos estabelece para a filosofia uma relação de explicação para com os Universais. Vale lembrar que toda a criação possui a sua singularidade , logo todo o conceito criado no campo filosófico será singular, Deleuze é claro ao colocar que os Universais até agora estabelecidos não explicitam nada , nos resta elaborar explicações que os reflita.

A filosofia como lugar da criação de conceitos é tese central da obra , porém outras maneiras de criação como a científica que não necessariamente passa pelo plano conceitual. Sociologia e antropologia , lingüística e psicanálise , passam a encarar o conceito não como criação mas como maneira de conceber representações coletivas . Já a informática , o marketing e a publicidade são tratados com o certo desdém pelos autores , a partir do momento e que tais disciplinas se colocaram como detentoras do processo de criação conceitual:

³⁹ DELEUZE, G. *O que é filosofia* p. 13

...o fundo do poço da vergonha foi atingido quando a informática , o marketing, o design , a publicidade, todas as disciplinas da comunicação apoderaram-se da própria palavra conceito e disseram :é nosso negocio , somos nós os criativos , nós somos os conceituadores ! Somos nós os amigos do conceito , nós os colocamos em computadores . Informação e criatividade , conceito e empresa : uma abundante bibliografia já... Como a filosofia , essa velha senhora, poderia alinhar-se com os jovens executivos numa corrida aos universais da comunicação para determinar uma forma mercantil do conceito, MERZ?⁴⁰

No entanto, é claro que todo conceito é dependente da definição que é proporcionada pelos seus próprios componentes . Uma conceitualização é uma maneira de aglutinar conjuntos de elementos que de maneira isolada não obteriam sentido nenhum , porém adquirem formalizações e conteúdos quando estão unidos, essa união é parte integrante do começo do processo de criação do conceito. Apenas o caráter inicial desse processo , pois não há possibilidade que só com uma simples aglutinação de termos sejamos capazes de criar um conceito; a necessidade de que caracterizações sejam realocadas , utilizadas para que diversos componentes unam os conceitos , diferenciando-os e lhes dando identidade.

Formados por multiplicidades os conceitos , não podem assumir a caráter simples , nem constituídos por um único componente, até mesmo o conceito inicial sobre o qual a filosofia constrói todo o seu arcabouço teórico não se resume à unicidade, um exemplo é cogito de Descartes , pelo qual se decorre uma ampla filosofia , porém tal conceito é fruto do agenciamento de uma serie de elementos .

⁴⁰ DELEUZE, G. *O que é filosofia* p. 19

Qualquer conceito sempre pode se revelar através da sua duplicidade ou triplicidade , lembrando que nunca haverá um conceito que seja capaz de trazer consigo todas as series de agenciamentos , tal característica é reservada ao puro caos, assim:

Em primeiro lugar , cada conceito remete a outros conceitos , não somente em sua história, mas em seu devir ou suas conexões presentes. Cada conceito tem componentes que podem ser ,, por sua vez , tomados como conceitos . Os conceitos vão,pois, ao infinito e , sendo criados , não são jamais criados do nada . Em segundo lugar , é próprio do conceito tornar os componentes inseparáveis nele : distintos , heterogêneos e todavia não separáveis, tal é o estatuto dos componentes , ou o que define a consistência do conceito , sua endo - consistência .⁴¹

O aspecto irregular que assumem os contornos conceituais , não deve ser encarado como um defeito , mas sim produtores de fragmentação que servem como base para a relação contemplativa e reflexiva:

É por isso que tudo ressoa, em lugar de se seguir ou de se corresponder . Não há nenhuma razão para que os conceitos se sigam . Os conceitos , como totalidades fragmentarias , não são sequer os pedaços de um quebra-cabeça , pois seus contornos irregulares não se correspondem . Eles formam um muro , mas é um muro de pedras secas e , se tudo é tomado conjuntamente , é por caminhos divergentes . Mesmo as pontes , de um conceito a um outro, são ainda encruzilhadas , ou desvios que não circunscrevem nenhum conjunto discursivo . São pontes moventes . Desse

⁴¹ DELEUZE, G. *O que é filosofia* p. 31

ponto de vista , não é errado considerar que a filosofia está em estado de perpetua digressão ou digressividade.⁴²

A argumentação particular de cada indivíduo se potencializa , dentro da forma como Deleuze e Guatarri encaram o conceito , pois pode nos remeter a formação plena de outros mundos que podem ser construídos através da linguagem e porque não no caos da realidade? Esses mundos possíveis possuem uma historia longa na filosofia passando pelos nominalista e realistas , portanto compreendemos agora porque Deleuze e Guattari defendem uma historia dos conceitos , porém de maneira diferenciada já que de maneira não linear , cruza-se com outras problemáticas advindas de outros planos.

Assim os conceitos possuem historia mas se permitem a esquecer-la já que não se definem por ela , possuidores do devir que permeia seus relacionamentos com os conceitos no mesmo plano , inúmeras vezes um conceito não pode ser relacionado com aquele conceito que o precedeu ou até mesmo o que sucedeu, nos diferentes planos que podemos encontrá-lo, diferentes historias se relacionam , não há uma ligação lógica que os ligue.

Esse devir do conceito é posto em pratica dentro do campo da percepção , tanto Guatarri como Deleuze denominam Outrem a condição que possibilita a percepção , situação em que podemos nos deparar com o " eu " e o " outro" . Sempre percebido como um outro o Outrem é ao mesmo tempo condição de toda espécie de percepção, para os lados do dialogo. Outrem como plano de agenciamentos torna possível nos enxergarmos com os nossos duplos , triplo , logo os componentes dos conceitos.

Tal perspectiva denota complexidade , nos deparamos com um objeto que não necessariamente necessita da ligação com seus

⁴² DELEUZE. G. O que é filosofia p 37

antecessores no decorrer de um contexto histórico, falamos do devir desse objeto de estudo. Ao encarar o devir encaramos o plano do infinito , dentro de conceitos limitados e determinados, porém que possuem em sua gênese a plano que não cansa de se criar infinitamente. No infinito da criação é cavado o caminho traçado pelos conceitos, jamais criado da nada , leva consigo os componentes por ele criados , porém distinto , diferenciados.

Essa inseparabilidade entre o conceito e seus componentes , geram sua zona de consistência , ou a fibra da corda como propõem a analogia de Wittgenstein, denominada endo- consistência , é o que faz com que o conceito possa apropriar uma identidade . Através dessa endo- consistência é possibilitada a relação , geração de identificação de planos característicos internalizados no conceito. Agora , as ligações estabelecidas de maneira externalizada por um plano conceitual , ocorrem por meio da exo-consistencia , é ela que dá limites irregulares , não poda suas arestas , e cria zonas de conversão com o fora.

Percorridos pela intensidade, a qual não é nem geral nem particular , possibilita a influencia de outros conceitos afins . fato importante pois através descrição dessa vizinhança , há a possibilidade da consolidação de um heterogeneidade. ao passo que ao mesmo tempo o conceito está próximo a todos as suas composições e variações, que o perpassam.

A necessidade de preposições por parte das conceitualizações , não representa a falta de sentido por parte dos conceitos , pois o cerne de sua identidade estará formada através das ligações estabelecidas pelos seus componentes, que fazem pontes com outros componentes de outros conceitos. Essa ressonância é sentida por todos os conceitos logo seus componentes e propiciam de uma certa maneira uma unificação , porém não queiramos estabelecer estruturas , proposições e coordenadas. Simplesmente

os autores abdicam da idéia de propor que um conceito dê seqüência a outro. Fragmentados , entendamos o conceito não através da analogia do quebra-cabeça , no qual peça possui uma outra na qual irá se encaixar , mas através da sua ressonância intensa , pensemos num jogo de dados no qual o acaso irá ministrar o começo e o fim da partida.

4 Para não esquecer

Um estudo de carácter antropológico em relação ao esquecimento se mostra extremamente instigante mediante o fato que ao se estabelecer a apreensão do mundo exterior através do escopo do esquecimento percebemos que o mesmo não se dá somente através do emissor mas com os descolamentos advindos de outros receptores; Tal interpretação, arrisco dizer poderia ser realizada no âmbito religião , ciência e política.

A memória auxilia na absorção de linguagens , técnicas e o processos de criação e reinvenção da própria cultura , porém o que foi possível constatar foi que pelo escopo da filosofia da diferença não basta apenas o acumulo incessante do conhecimento , o “velho saber é poder” não nos limita, não é encarado como fim, tal filosofia necessita do esquecimento.

Diante desse pressuposto , fica latente o carácter passivo acerca de idéias que viabilização uma verdadeira domesticação do esquecimento, procura-se através de um pensar racional acumular conteúdos já que tal prerrogativa se coloca como condição de crescimento intelectual .

Não assumir a idéia de relação unilateral que não pressuporia direções contrárias, ou seja a memória se colocando acima do esquecimento, seria absurdo ? Nem tanto, vejamos a incorporação da ciência moderna , nas suas bases o esquecimento se faz presente e natural já que graduados em biologia por exemplo pura e simplesmente não seriam obrigados a ler *A Origem das Espécies* de Darwin? Constituída a ciência passa a esquecer o passado do próprio saber.

O sucesso de Picasso não relegou as pinturas de Rembrandt aos porões dos museus de arte. As obras primas do passado próximo e do mais distantes desempenham ainda um papel vital na formação do gosto do público e na iniciação de muitos artistas no seu ofício. Veêm-se poucos cientistas nos museus de ciências, cuja única função é, em cada caso, comemorar ou recuar, e não produzir excelência na profissão. Diversamente da arte, a ciência destrói seu passado.” (Kuhn, 1985, p.381.)

Assim a conhecimento como pertencente a memória, e a dada incumbência de passá-la adiante é um pressuposto que deve ser revisto no plano teórico e metodológicos diante de uma ciência da educação comprometida com a realidade na qual está inserida,de

maneira nenhuma deve-se partir do princípio de um reino natural e externo a ser “memorizado” pelo mundo da cultura ou do social, ou seja, pensar a educação das crianças sem um pressuposto pautado no fato de considerá-las parte de um mundo natural, reino da biologia, reino dos instintos. A memória não deve ter um remetente e destinatário, assim como um endereço fixo.

Entre os povos que tomam invenções como o tempo, o crescimento ou a mudança como parte de seu fazer intencional, algo análogo à nossa memória é precipitado, mas não o concebem como memorial de algo, como artifício, e sim como o universo. Para essas populações, o convencional - gramática, relações de parentescos e todas as demais regras sociais - corresponde a uma distinção dada e motivante entre o inato e o artificial que é parte da essência imanente de todas as coisas, sendo seus contornos acessíveis apenas aos visionários e xamãs.

O objetivo é claro o homem ocidental tenta criar um mundo que a seus olhos seja previsível, racionalizável e ordenado , por outro lado tribos dos mais variados tipo , religiosos buscam criar um mundo conatural passível de mudança, reajuste e acima de tudo que possa receber ações , tal empreitada se potencializa com uma certa dose de esquecimento. Palco da improvisação inventiva , tal universo vai de encontro a nossa memória bibliotecária e possibilita a todo momento sua reinvenção.

Erro crucial é quando nos deparamos com iniciativas que viabilizam uma retomada da cultura perdida, ou seja , não possibilitamos o esquecimento da nossa própria cultura com seus valores , morais e etc e tentamos resgatar suas técnicas por exemplo , tal esforço impede que a própria cultura em questão crie e reinvente seus modos de vida ou estilos de criatividade que viabilizariam novas técnicas por exemplo . Desse certo modo a memória dentro de um escopo interpretativo nada mais faz do que estancar .

Longe de pressupor um fundo universal de realidade sobre o qual se assenta uma gama infinita de representações, Strathern (2005) propõe um fazer antropológico por meio de conexões parciais, que poderia ser sintetizado como um sistema de conexões heterogêneas enquanto heterogêneas. Nesse proceder, interpretações e contra-interpretações produzem a

pluralidade não por adição, mas por divisão e transformação, estando conectadas na sua diferença. Para tanto, Strathern toma de empréstimo de Dona Haraway(1985; 1988) a estética do *cyborg*: assim como um braço mecânico enxertado num corpo humano, por exemplo, o antropólogo deve experimentar um fosso epistêmico no qual um outro modo de pensamento é enxertado, resultando numa conexão de matérias heterogêneas, que não configuram uma unidade, mas tampouco resultam em dois. É essa matemática que não opera por números inteiros que Strathern propõe para a análise antropológica.(Viveiros de Castro)

Em suma a cisão entre memória e esquecimento e sobretudo o seu marco divisório está em crise . Borges em *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius* , narra que o mundo onde se realizava uma metafísica idelaista , certas artefatos, frutos de crenças e desejos, terminavam por se tornar-se reais, interferindo na realidade. Com a memória acontece o mesmo até que ponto devemos nos esquecer de esquecer?

REFERENCIAS

BAKUNIN, M. Textos Escolhidos. Porto Alegre: L&PM, 1983.

DELEUZE, G. Diferença e Repetição. 2ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DESCARTES, R. Discurso do Método; Meditações; Objeções e Respostas; As Paixões da Alma; Cartas. 3ª ed., São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Col. Os Pensadores).

FOUCAULT, M. O Pensamento do Exterior. In: Ditos e Escritos III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 219-242.

RANCIÈRE, Jacques. O Desentendimento – política e filosofia. São Paulo: Ed. 34, 1996a.

RANCIÈRE, Jacques. O Dissenso. In: NOVAES, A. (org.) A Crise da Razão. São Paulo: Cia das Letras, 1996b.

LEBRUN, G. A filosofia e sua história. Org. de Carlos Alberto Ribeiro de Moura, Maria Lúcia M. O. Cacciola e Marta Kawano. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

GEERTZ, Clifford. 1989. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC.

GOLDMAN, Marcio. 1999. “O que Fazer com Selvagens, Bárbaros e Civilizados?” In Alguma Antropologia. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

LATOURE, Bruno. 1994. *Jamais Fomos Modernos*. São Paulo: Ed. 34.

MALINOWSKI, Bronislaw. 1978. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental: Um Relato do Empreendimento e da Aventura dos Nativos nos Arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. São Paulo: Abril Cultural (Coleção Os Pensadores).

STRATHERN, Marilyn. 1987. "The Limits of Auto-Anthropology". In A. Jackson (ed.) *Anthropology at Home*. London: Tavistock Publications.

_____. 1988. *The Gender of the Gift: Problems with Women and Problems with Society in Melanesia*. University of California Press.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2002. "O Nativo Relativo". *Mana* 8(1): 113-148.

WAGNER, Roy. *A invenção da Cultura*. São Paulo: Cosac & Naify. Tradução: Marcela Coelho de Souza [no prelo]. **2006**

CAMBI, F. *História da pedagogia*. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

COLL, C; SOLÉ, I. *Os professores e a concepção construtivista*. In: COLL, C; et al. *O construtivismo na sala de aula*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SAVIANI, D. *Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações*. Campinas: Autores Associados, 2003a.

_____. *Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política*. Campinas: Autores Associados, 2003b.

DURHAM, Eunice Ribeiro. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO (org.). **A aventura antropológica** – teoria

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia estrutural*. Biblioteca Tempo Universitário. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1985.

DAUSTER, T. "Navegando contra a corrente? O educador, o antropólogo e o relativismo." *In*: Brandão, Zaia (org.). *A crise dos paradigmas e a educação. Questões da nossa época*. São Paulo, Cortez, 1994, vol. 35.

_____. "Construindo pontes - a prática etnográfica no campo da educação". *In*: Dayrell, J. (org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1996.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo . *A inconstância da alma selvagem – e outros ensaios de antropologia* . São Paulo : Cosac & Naify, 2002

CALDEIRA , Teresa Pires. A presença do autor e a pós modernidade em antropologia .
Novos Estudos Cebrap 21 , julho de 1988.

CLIFFORD , James . A experiência Etnográfica. Antropologia e Literatura no século XX .
Rio de Janeiro : Editora da UFRJ, 1998

GEERTZ , Clifford . Nova Luz sobre a antropologia . Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor,
2001.

GOLDMAN, Márcio . Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos . Etnografia ,
antropologia e política em Ilheus, Bahia. Revista de antropologia v.46 n.2 São Paulo 2003.

Sahlins, Marshall . “ O pessimismo sentimental “ e a experiência etnográfica : por que a cultura não é um objeto em vias de extinção(Parte I) . Mana . Estudos de Antropologia Social . Vol. 3, n. 1 : Museu Nacional /Contra Capa, outubro de 1997 .Pg. 103-150.

LARROSA, Jorge, SKLIAR, Jorge, (2002). Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica. Tradução de Semíramis Gorini da Veiga.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CORAZZA, S. M. , *Artistagens: filosofia da diferença e educação* . Autentica 2006, Belo Horizonte, 2006

COSSUTTA, F., *Elementos para a leitura dos textos filosóficos*, tradução Angela de Noronha Begnami, Milton Arruda, Clemence Jouet- -Pastré, Neide Sette, revisão da tradução e texto final Paulo Neves, 2ª edição, Martins Fontes, São Paulo, 2001,

Deleuze, G. (1997). *Crítica e clínica*.. São Paulo: 34.

DELEUZE, Gilles. *Espinoza Filosofia prática*. Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta Editora, 2002.

_____. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

_____, G, *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia* / Gilles Deleuze, Felix Guattari: Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão – Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. (Coleção TRANS).

_____, G. *Proust e os Signos*. Trad. Antônio Carlos Piquet e Roberto Machado. Forense, 2003.

_____, G.. *Foucault*. 2º ed. 2ªreimp. Buenos Aires: Paidós, 2008

_____, G. / Guattari, Felix. Tradução de Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muniz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

Diálogos / Platão ; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha ; tradução e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. — 5. ed. — São Paulo : Nova Cultural, 1991. — (Os pensadores)

FOUCAULT, Michel. "Nietzsche, a genealogia e a história." In. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução: Roberto Machado. 10ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

FOUCAULT, M. *A História da Loucura na Idade Clássica* (1961) 5. Ed. São Paulo : Perspectiva , 1997.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 8.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Trad. S. T. Muchail.

LEBRUN, G. Por que ler Nietzsche, hoje? In: *Passeios ao léu*. Trad. Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 1983.

NIETZSCHE, F. *Aurora*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Assim Falou Zaratustra*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Além do bem e do mal*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Genealogia da Moral*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Ecce Homo*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *O Anticristo; Ditirambos de Dionísio*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. Nietzsche. Coleção Os pensadores. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo, Abril Cultural, 1983.

MATOS, Olgária. *A Escola de Frankfurt – luzes e sombras do Iluminismo*. São Paulo: Editora Moderna, 2001.

SEVERINO, A. *A filosofia na formação do jovem e a resignificação de sua experiência existencial*. EM: <
<http://filosofiapidufabc.files.wordpress.com/2011/09/severino.pdf>> Acesso em 22 de fevereiro de 2014..

SEVERINO, Antônio J. “Filosofia e ciências humanas no ensino de 2º grau: uma abordagem antropológica da formação dos adolescentes”. In: QUEIROZ, José J. (org.) *Educação hoje: tensões e polaridades*. São Paulo: FECS/USF, 1997.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

